

O CANGACEIRO E O SAMURAI

ROTEIRO DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

O CANGACEIRO
E O SAMURAI

1º TRATAMENTO

Argumento e Roteiro Técnico:
GERALDO SANTOS PEREIRA
Diálogos em Português:
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA
Diálogos em Japonês:
~~ANTÔNIO NOJIRI~~
SUSUMU MIYAO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

P.P.P.	Primeiríssimo Plano
P.P.	Primeiro Plano
P.A.	Plano Americano
P.M.	Plano Médio
P.G.	Plano Geral
G.P.G.	Grande Plano Geral
"Travelling"	Câmera montada em carrinho
Trav-Avante	Carrinho para a frente
Trav-Atrás	Carrinho para trás
Trav-Lateral	Carrinho para o lado
"Plongée"	Câmera do alto para baixo
"Contre-Plongée"	Câmera de baixo para alto
Pan-E-D	Panorâmica da esquerda para a direita
Pan-D-E	Panorâmica da direita para a esquerda
"Ralenti"	Movimento em câmera lenta
"Raccord"	Movimento que se completa, sem interrupção
"Zoom"	Lente multifocal, de avanço e recúo
"Flash"	Detalhe de curta duração
Bg	Segundo plano sonoro

"O CANGACEIRO E O SAMURAI"

1º TRATAMENTO

Argumento e Roteiro Técnico:
GERALDO SANTOS PEREIRA
Diálogos em Português:
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA
Diálogos em Japonês:
ANTÔNIO NOJIRI

Seqüência Especial
(Antes dos Letreiros)

EXTERIOR - CAATINGA - DIA

1. Câmera enquadra, em G.P.G., aspectos da desolada paisagem nordestina, destacando a terra árida e esturricada da caatinga, com sua tortuosa vegetação rasteira, suas formações cactáceas, seu grande e dramático silêncio.

A série de tomadas descritivas se conclui com a lenta panorâmica sobre a natureza que Von Martius chamou, no século XIX, de "silva horrida", a floresta horrenda, a mata medonha.

O movimento da câmera termina quando a objetiva estiver focalizando, em P.G., um trecho da caatinga do Norte da Bahia, deixando à esquerda do quadro, em P.P., um ramo de arbusto espinhento. Presos nele, e esvoaçando ao vento que começa a soprar, vêem-se pedaços da roupa de um samurai, a seda desbotada, quase em frangalhos.

SOM - Na trilha sonora só se ouve o sibilar do vento.

No chão, próximos da objetiva, uma espada samurai enferrujada e, mais adiante, um velho chapéu de cangaceiro e uma arca oriental, com in-

crustações de marfim e madrepérola, completam a estranha decoração.

A arca japonesa, com pedaços quebrados, está coberta de poeira e suas cores estão esmaecidas pelo tempo e a chuva.

Ao centro e à direita do quadro ainda se vê um largo trecho da paisagem, lugar ermo e arenoso, com uma estradinha que vem do fundo e quebra à direita, no campo visual.

Por este caminho na caatinga vem vindo um homem. Viaja sozinho, num cavalo magro.

SOM - Além do vento, começa a ouvir-se, crescendo aos poucos, o trotar de um cavalo.

O cavalo se aproxima pouco a pouco da câmera, entre nuvens de poeira e folhas secas que o vento levanta do chão.

Depois se pode distinguir melhor o viajante solitário, mais próximo da objetiva. É um Cantador, que traz a rede enrolada e presa na garupa do cavalo, com a viola a tiracolo.

O Cantador avista o quimono japonês, a arca, que refulge ao sol, a espada enferrujada, o chapéu de cangaceiro. Refreia o cavalo, intrigado com o que vê.

2. Modificando a angulação, câmera favorece o Cantador, que desce do cavalo e caminha na direção do arbusto espinhento.

Espantado, observa a espada, o chapéu, o quimono. Depois se curva e abre a arca japonesa.

Neste exato momento um forte pé-de-vento arranca do interior da canastra papéis velhos e fotografias amarelecidas, também cobertos de pó, lançando-os no ar.

Câmera acompanha o esvoaçar dos papéis, subindo até fixar o céu azul, as grossas nuvens brancas, formando desenhos caprichosos, e o sol que agride o sertão e cega a objetiva.

SOM - Na trilha sonora aumenta de intensidade o som da ventania, que agora é cortante e sinistra.

EXTERIOR - FEIRA DO NORDESTE - MANHÃ

3. Em corte direto, câmera agora focaliza, em P.P., o mesmo Cantador, visto na tomada anterior, e que começa, com voz forte, típica dos cantadores nordestinos, a narrar, em forma de ABC, os acontecimentos iniciais de nossa história.

CANTADOR, acompanhado pela viola, canta os primeiros versos do ABC, narrando a história da família Takeda: o velho Massao Takeda, morador em São Paulo, que recebeu uma fazenda de gado, no interior da Bahia, em pagamento de dívida, ficou viúvo e chamou do Japão o sobrinho Kyoshiro Takeda.

Enquanto o Cantador vai narrando, câmera inicia lento Trav-Atrás, abrindo o quadro e mostrando a movimentada feira nordestina, com seus pitorescos tipos humanos, as mercadorias do sertão, o artesanato popular.

SOM - Em segundo-plano, não afetando a voz do Cantador, ouvem-se os ruídos característicos da feira.

Câmera continua a recuar, ampliando mais o quadro e deixando ver a larga praça do povoado, com seu casario, o cruzeiro, a velha igreja ao fundo.

CANTADOR continua o ABC, dizendo agora que o sobrinho de Massao, casado com a linda Sayuri Takeda, veio para o Brasil, na companhia da mãe, também viúva, em meados de 1935.

EXTERIOR - PORTO DE SALVADOR - MANHÃ

4. Câmera enquadra, em P.G., um trecho do porto de Salvador, evi-

tando os detalhes da época atual, favorecendo um navio cargueiro e, descendo a escadinha, os três japoneses citados pelo Cantador: Kyoshiro Takeda, sua mulher, Sayuri, e sua mãe, dona Mari.

SOM - Em corte sonoro direto, o último verso cantado pelo Cantador é seguido, na trilha sonora, pelo silvo grave do navio cargueiro. Depois se ouvem os ruídos característicos de cais de porto.

5. Massao Takeda, que viera esperar a família do Japão, adianta alguns passos e, com as tradicionais mesuras de sua gente, dá as boas-vindas, emocionadas, aos parentes.

Câmera, detalhando o encontro dos japoneses, dará ênfase à secreta perturbação que, por alguns instantes, turva de melancolia o olhar do velho fazendeiro, quando fixa na bela esposa de Kyoshiro sua cansada vista, curvando-se com delicadeza.

Entre malas e pertences, que trazem consigo, uma arca de caprichada decoração merece cuidados especiais do sobrinho de Massao.

Reunida a bagagem, livres da burocracia portuária, os quatro japoneses iniciam, a pé, o trajeto até o ponto de ônibus, onde embarcarão rumo ao interior da Bahia.

Evitando aspectos contemporâneos da cidade, câmera documenta a caminhada dos japoneses por ruas e praças da parte velha de Salvador, despertando a curiosidade de transeuntes e tipos populares.

SOM - Na trilha sonora sobe a música especial dos Letreiros, com uma curiosa mistura de timbres e harmonias do Brasil e do Japão.

Sobre as imagens desta pitoresca e movimentada caminhada, surgem, em sobreimpressão, os

LETREIROS DE APRESENTAÇÃO.

Os créditos do filme cobrem o itinerário dos japoneses até o

ponto de ônibus, onde embarcam num veículo modelo 1933, juntamente com outros passageiros brasileiros.

A canastra é levada, pelo próprio Kyoshiro, ao interior da condução que inicia, entre grandes buzinadas, a longa viagem, atravessando a cidade, seus subúrbios e ganhando, mais adiante, a estrada de terra que leva ao sertão.

Os últimos cartões de créditos sobreimprimem-se nas imagens do interior da jardineira, com seus tipos populares, alguns tocando viola, outros carregando toda espécie de coisas, inclusive bichos e aves, e, como detalhe de contraste e exotismo, da família japonesa, centro das atenções gerais. Além do interior do veículo, também flagrantes, "en passant", da paisagem sertaneja, servirão de fundo para os Letreiros de Apresentação, que terminam quando o ônibus para à beira da estrada, descendo os quatro japoneses.

Seqüência 1

EXTERIOR - BEIRA DE ESTRADA - TARDE

6. Câmera focaliza um trecho da estrada de terra, com o ônibus parado no acostamento.

A família Takeda deixa a jardineira, com seus pertences. Depois o veículo se movimenta, afastando-se entre nuvens de poeira.

Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari aproximam-se da câmera e, em seguida, dobram à direita, ganhando uma trilha na árida paisagem sertaneja.

Câmera, fazendo panorâmica, segue sua caminhada, na direção da Fazenda do Japonês, dois quilômetros adiante, e localizada entre Juazeiro e Bonfim, no Norte baiano.

SOM - Desaparecendo a música incidental, agora só se ouvem, na trilha sonora, ruídos ambientais: cantos de pássaros, mugido de bois e, ao fundo, o som de um aboio de vaqueiro.

EXTERIOR - TRILHA NO SERTÃO - TARDE

7. Câmera acompanha, em Trav-Atrás, a caminhada dos quatro japoneses, fixando, em P.P., Massao Takeda e o sobrinho, à frente, e, mais atrás, as duas mulheres, dona Mari e Sayuri.

Massao descreve, em japonês, a região, chamando a atenção para um detalhe e outro.

→ MASSAO, falando em japonês, descreve a região, dá informações sobre sua fazenda e a vida rural brasileira. (A REDIGIR).

Depois, diminuindo o movimento de recúo, câmera vai enquadrar, também em P.P., as duas japonesas, que também conversam.

→ SAYURI e DONA MARI conversam, também em japonês, sobre as primeiras impressões do Brasil e da terra onde vão residir.

SOM - Durante o diálogo em japonês da família Takeda, ouvir-se-ão, na trilha sonora, acordes expressivos de música japonesa, predominando o som do "biva".

8. Colocada no alto de um serrote, em pleno chapadão baiano, câmera mostra, em G.P.G., a paisagem e, no centro do quadro, tortuosa e estreita, a estradinha de terra que leva à Fazenda do Japonês. Por ela vêm vindo os quatro japoneses, carregando malas e pertences, inclusive a bonita arca que refulge ao sol forte do sertão.

Fazendo panorâmica, da esquerda para direita, a objetiva vai mostrar, ao fundo, a propriedade de Massao Takeda, encravada num pequeno vale, com vegetação mais alta, árvores frutíferas, horta e o pasto no qual se espalha o gado.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDINHA

9. Deixando no quadro parte da sede da fazenda, com sua grande

varanda, câmera mostra o pátio fronteiro, o jardim e, ao fundo, a estradinha de terra.

Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari estão chegando, exaustos, encharcados de suor.

Alguns empregados, entre os quais Pedro Roque e "siá" Engrácia, preta e gorda, cozinheira da casa, vão ao encontro dos japoneses, ajudando a trazer a bagagem.

Pedro Roque faz menção de apanhar a arca japonesa. Kyoshiro, no entanto, não a entrega, preferindo carregá-la pessoalmente.

→ MASSAO, em japonês, pergunta ao sobrinho o que contém.

→ KYOSHIRO responde que "são relíquias de família" (A REDIGIR).

Depois o fazendeiro saúda os empregados, falando agora em português, com forte sotaque, agradece a ajuda e pergunta as novidades.

MASSAO fala aos empregados, num português meio arrevesado, com forte sotaque. (A REDIGIR).

10. O grupo chega diante da sede da fazenda. Antes que entrem, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari apreciam a propriedade, dirigindo-se a Massao, feliz e excitado pela chegada dos parentes.

→ KYOSHIRO e SAYURI fazem alguns comentários, em japonês, sobre a fazenda, procurando ser gentis (A REDIGIR).

SOM - Ruídos característicos de fazenda.

EXTERIOR - PERTO DO CURRAL - TARDINHA

11. Transferindo-se agora para perto do curral, câmera enquadra o capataz, Antônio Garcia, que chega do pasto, montando seu cavalo baio, e levando o gado ao curral, para a ração da tarde.

O capataz avista a chegada dos japoneses e fica observando.

Câmera avança, pela lente "Zoom", até enquadrá-lo em P.P., detalhando sua expressão viril e enigmática, o chapéu de couro à cabeça, o jibão típico dos vaqueiros.

SOM - Acompanhando o movimento de aproximação da "Zoom", entra, na trilha sonora, tema musical marcando a máscula figura do capataz, com insinuações dramáticas e pressagiosas.

12. Como ponto-de-vista de Antônio Garcia, câmera focaliza, em P.G., a casa-grande, diante da qual os quatro japoneses acabam de chegar.

Em primeiro-plano, à esquerda do quadro, o gado chega do pasto e, aos gritos de comando de Antônio Garcia, entra no curral.

SOM - Gritos fortes do capataz, comandando o gado.

EXTERIOR - DIANTE DA FAZENDA - TARDINHA

13. Os gritos do capataz, em segundo-plano, chegam aos japoneses, chamando sua atenção. Olham na direção do curral, enquanto Massao lhes fala.

→ MASSAO, em japonês, explica aos parentes que o capataz traz do pasto o gado para a ração da tarde. (A REDIGIR).

Câmera, em Trav-Avante, vai até o P.P. de Sayuri Takeda, particularmente interessada nas explicações do fazendeiro, fixando os olhos em Antônio Garcia.

SOM - Sobem acordes de música japonesa, com o som do biwa em primeiro-plano.

14. Os japoneses, ajudados pelos empregados, deslocam-se para o interior da fazenda, subindo os degraus que levam ao alpendre.

Depois entram na casa.

INTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDINHA

15. O grupo agora atravessa a sala de visitas, vasto cômodo com janelas que dão para a varanda, e no qual se percebe, de mistura com objetos, móveis e utensílios da vida brasileira, a lembrança da terra japonesa, com sua atmosfera inconfundível, diluída pelo tempo e a distância.

As mulheres interessam-se por tudo, comentando as coisas que vêem, enquanto Massao e Kyoshiro conversam sobre parentes, amigos e acontecimentos do Japão.

Câmera alterna a caminhada das mulheres e dos homens, fixando detalhes expressivos de cada um e mostrando, como ponto comum, a grande alegria do reencontro.

→x SAYURI E MARI comentam, em japonês, coisas que vêem, falam da nova vida no Brasil (A REDIGIR).

→x MASSAO e KYOSHIRO falam de coisas e parentes do Japão (A REDIGIR).

16. O grupo agora se aproxima dos quartos, ao fundo do comprido corredor da casa-grande. Massao indica o quarto de Kyoshiro e Sayuri e, ao lado, o que reservou para dona Mari.

A bagagem é dividida, e o grupo se dispersa.

FAZENDA - SALA DE JANTAR - NOITE

17. Mais tarde, na larga sala de refeições, o jantar torna a reunir a família japonesa. Pratos típicos brasileiros, de mistura com outros, da cozinha japonesa, mostram a curiosa absorção de hábitos que fazem daquele lugar um ponto de encontro de duas raças e duas culturas.

A refeição é alegre, movimentada, com detalhes pitorescos, destacando-se a curiosidade dos recém-chegados, Sayuri principalmente, pelas coisas brasileiras que desconhece. Modo de comer, pratos, condimentos, a expressão meio atoleimada da velha "siá" Engrácia, tudo é motivo para o divertimento dos estrangeiros.

Câmera, nesta sequência, além de fixar o lado divertido do primeiro encontro dos japoneses com a nova vida, em terra tão distante e diferente de seus hábitos, mostrará também a secreta perturbação que a presença de Sayuri Takeda provoca no velho Massao, que nela fixa, disfarçadamente, um olhar de admiração e intensidade.

MASSAO, KYOSHIRO, SAYURI E DONA MARI dialogam em japonês, dizendo-se amenidades, comentários sobre a cozinha, hábitos e gente do Brasil (A REDIGIR).

SOM - Na trilha sonora, em bg., ouvir-se-á música japonesa, desvirtuada em alguns trechos, com insinuações brasileiras, quando aparece a gorda "siá" Engrácia.

18. Antes que se retirem para os quartos, após o jantar, Massao Takeda vai buscar uma boneca japonesa, ricamente vestida com o quimono oriental, que ele dá de presente à encantadora esposa de Kyoshiro, dizendo, comovido, que "era a preferida de Kimie".

MASSAO - Diálogo em japonês (A REDIGIR).

Câmera avança, em Trav-Avante, até fixar Sayuri, em P.P., feliz, agradecida, segurando a boneca e formando um quadro de singeleza e doçura.

SOM - Tema romântico, de Sayuri, com predominância do som do "biwa".

Sequência 2

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

19. Mais tarde, no silêncio da noite, câmera penetra na intimidade do quarto de Massao Takeda, fixando-o, já pronto para dormir, quando se aproxima de uma velha cômoda, sobre a qual se vê, entre outros objetos,

uma velha fotografia emoldurada.

O fazendeiro aproxima-se dela, seguido pela câmera, e vai olhar, terna e demoradamente, a foto amarelecida da esposa, falecida algum tempo atrás.

Kimie, na foto, veste o traje nupcial e deixa ver, em P.P. da objetiva, enorme semelhança com Sayuri, desvendando, assim, a secreta causa da emoção do fazendeiro, quando conheceu, no porto de Salvador, a mulher de Kyoshiro. O rosto puro e reflexivo, a expressão delicada, quase infantil, cheia de feminilidade e recato, também se percebem na fotografia.

SOM - Música, de inspiração japonesa, pontilhará romanticamente, e com nostalgia, a sequência.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

20. Cortando do plano anterior, do detalhe da fotografia, para o rosto de Sayuri, em seu quarto da fazenda, câmera ressalta a semelhança entre as duas mulheres.

A japonesa está sentada diante da penteadeira, e alisa os longos cabelos pretos, preparando-se para dormir.

Depois câmera recua, ampliando o quadro e deixando ver Kyoshiro Takeda que, em traje de dormir, vai ao encontro da esposa, que recosta nele a cabeça, enquanto dialogam.

KYOSHIRO, em japonês, conversa com Sayuri sobre a nova terra, prevendo que terão uma vida feliz naquele lugar, apesar da adaptação difícil dos primeiros tempos.

SAYURI concorda, diz que está gostando do Brasil, apesar de sentir muita falta de sua família, de suas amigas do Japão, apesar também do calor escaldante e da diferença de hábitos e costumes.

KYOSHIRO diz que se habituarão depressa, que t

povo é simples e cordato, e a fazenda, com nova técnica, pode se desenvolver. (A REDIGIR).

Dizendo as últimas palavras, relativas à fazenda, Kyoshiro caminha até a janela, perto da penteadeira. Câmera segue-o até fixar, em P.G., a paisagem noturna.

EXTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

21. Colocada no exterior da fazenda, câmera enquadra a janela do quarto de Massao Takeda, na qual, observando também a paisagem, o velho fazendeiro faz contraste com a juventude do sobrinho, visto na tomada anterior.

Depois Massao volta ao interior do quarto.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

22. Completando o movimento, Massao Takeda se afasta da janela, caminha na direção do leito, apaga a luz e se deita, melancólico e pensativo.

Câmera avança, em "travelling", até enquadrar seu rosto em P.P., destacando sua velhice, seu ar cansado e melancólico.

SOM - Música japonesa, triste, nostálgica. Ao fundo, em bg, sons noturnos: grilos e sapos, latidos de cachorro, mugidos de bois.

Sequência 3

EXTERIOR - VARANDA - MANHÃ

23. No dia seguinte, depois do café da manhã, Massao Takeda manda reunir,diante do casarão,os empregados da fazenda.

Uns 15 homens, mulheres e crianças, vêm concentrar-se no terreno fronteiro à sede.

Câmera, após detalhar, em P.G., as imediações da fazenda, mostrando os galpões, o paiol, os currais, o pomar, o jardim e a horta, enquadra os empregados que estão dispostos ao pé do alpendre.

Aproximando-se, em Trav-Avante, do grupo de nordestinos, câ-

mera capta pedaços de diálogos.

UM LAVRADOR comenta, para outro, que chegaram na véspera mais três japoneses, e que agora ninguém vai entender mesmo "aquela gente esquisita".

UM PEÃO está dizendo que a "moça de olhos rasgados" até que é bem bonitinha.

UMA MULHER diz, para outra, que japonês é gente séria, trabalhadora, e gosta das coisas bem arrumadas.

UM VAQUEIRO diz, ao companheiro ao lado, que na Carahyba o Coronel Amaro anda dizendo que a japonesada só sabe explorar os empregados, pagando pouco e dando trabalho demais.

OUTRO VAQUEIRO responde que o Coronel está de olho é nas terras de "seu" Massao, e vive intrigando o japonês. (A REDIGIR).

Movimentando-se entre os empregados, câmera concluirá o "travelling" quando focalizar, em P.P., o capataz, Antônio Garcia, caladão, num canto, fumando um cigarro de palha.

É quando, em volta dele, o vozerio cessa, as atenções fixadas na varanda.

24. Massao Takeda chega do interior da casa-grande, precedendo os parentes, recém-chegados, que vêm atrás.

Sayuri, desejando prestigiar a apresentação, veste um rico e vistoso quimono japonês, e que se destaca fortemente no ambiente, em contraste com a indumentária pobre daquela gente.

A aparição da linda japonesa provoca sensação naquele mundo rústico, perdido no sertão.

Antônio Garcia, mais do que todos, fixa nela um olhar mesclado de surpresa e fascinação.

25. X Massao Takeda, ao pé da escadinha que conduz à varanda, dirige-

-se aos empregados, em seu português pitoresco, apresentando os parentes.

MASSAO faz a apresentação do sobrinho e sua família (A REDIGIR).

Depois apresenta aos japoneses cada um dos empregados. Estes, um a um, o chapéu à mão, sobem encabulados os degraus da escada e vão apertar, em silêncio, a mão dos novos patrões.

Kyoshiro, Sayuri e dona Mari tocam de leve a mão que os brasileiros estendem, curvando-se, depois, à moda oriental.

Quando Antônio Garcia, o capataz, chega perto da família, é anunciado por Massao com deferência especial, como "meu braço direito".

MASSAO fala de cada empregado em língua japonesa, demorando-se mais na apresentação de Antônio Garcia (A REDIGIR).

26. Câmera favorece a apresentação do capataz, que se aproxima dos japoneses, calado, o chapéu à mão. Ao se acercar de Sayuri, fica em P.P., quando se percebe a forte impressão que a moça lhe provoca.

Câmera faz panorâmica alto-baixo, até detalhar as mãos de Garcia e de Sayuri, que se tocam levemente.

Sequência 4

EXTERIORES DIVERSOS DA FAZENDA - DIA

27. As mãos de Antônio Garcia agora são vistas, também em detalhe, trabalhando no curral, separando o gado, preparando a nova ordenha, mandando para o pasto os bois de engorda.

Câmera, em seguida, recuando e fazendo panorâmica, abre até P.G., mostrando, ao fundo, Massao e Kyoshiro, que estão montados, e Sayuri e dona Mari, que caminham nas imediações da casa-grande.

28. Mais próxima de Massao e Kyoshiro, câmera, em movimento de recuo, acompanha o passeio pela fazenda. Os dois conversam, naturalmente em japonês.

MASSAO explica ao sobrinho a rotina da fazenda, prestando esclarecimentos sobre a produção, sobre o gado, tratado diretamente pelo capataz, enquanto ele trata da lavoura.

KYOSHIRO comenta que acha a terra pobre, arenosa, e se há alguma maneira de irrigá-la.

MASSAO responde que um riacho corre um quilômetro adiante, que havia pensado em fazer um canal para melhorar as condições do solo.

KYOSHIRO pede ao tio para levá-lo ao curso d'água.
(A REDIGIR).

Massao fustiga o cavalo, e os dois, tio e sobrinho, se afastam, subindo um serrote.

29. Mais adiante, caminhando a pé, dona Mari e Sayuri também conversam, em japonês, visitando a horta, o jardim e o pomar.

SAYURI e DONA MARI dialogam, em japonês, sobre as coisas a fazer, a melhoria da horta, melhor irrigada e adubada, o plantio de outros legumes.
(A REDIGIR).

30. No curral, trabalhando, Antônio Garcia acompanha, de longe, o passeio das japonesas, atraído pela delicada figura de Sayuri.

31. Agora Sayuri e a sogra chegam diante do túmulo de Kimie, construído, rusticamente, em forma de pagode, num canto do jardim.

As duas mulheres colhem algumas flores e, curvadas à moda japonesa, depositam-nas sobre o túmulo da mulher de Massao, fazendo preces.

Depois tornam a caminhar, na direção do curral.

32. Distante dali, Massao e Kyoshiro examinam, num pequeno vale, o curso d'água que serpenteia na terra árida. Depois tornam a montar, e continuam o passeio.

33. Sayuri e dona Mari agora estão próximas ao curral. A moça reconhece, então, cuidando do gado, a figura máscula do baiano, o busto nu

musculoso, banhado em suor.

O olhar de Sayuri e Antônio Garcia se cruzam, ambos se intimidam, confusos. O capataz toca o chapéu, saudando a moça, que agradece, abaixando levemente a cabeça.

Depois as duas se afastam, enquanto o baiano fixa em Sayuri um olhar penetrante e sensual. Em seguida, de um salto, monta no cavalo, solta um grito forte, que assusta as duas mulheres, põe o gado na direção do pasto.

Sayuri e dona Mari continuam o passeio, marcando, como detalhe extravagante e exótico, aquele mundo causticante do sertão.

Sequência 5

EXTERIORES E INTERIORES DA FAZENDA - DIA E NOITE

31. A próxima sequência será composta de "flashes" da vida rural e das imagens dos primeiros dias dos japoneses na nova terra.

Alternando e misturando temas musicais, de inspiração brasileira e japonesa, a sequência terá um ordenamento intemporal e simbólico, aproximadamente nesta ordem:

1)- Construção e conclusão de novo galpão para criação de aves;
2)- Construção e funcionamento de um canal de irrigação;
3)- Ampliação da horta, com o plantio de novos legumes, melhor adubados;
4)- Plantio de algodão em trecho da propriedade;
5)- Melhoramentos nos currais, no paiol e noutras instalações;
6)- "Flashes" de Massao e Kyoshiro ao trabalho, cuidando das plantações, enquanto Antônio Garcia se ocupa do gado, aumentado;
7)- "Flashes" de Sayuri e dona Mari, muito atarefadas na horta e no jardim;
8)- Massao, Kyoshiro, Pedro Roque e outros empregados transportam aves, ovos, legumes e outros produtos para a feira de cidades próximas;
9)- A família japonesa à mesa de refeições, com ênfase para novos pratos brasileiros e japoneses;
10)- Fazendeiros vizinhos, inclusive o Coronel Amaro, comentam

a vida dos japoneses, com ironia, gozando os baianos que trabalham em sua fazenda;

11)- Kyoshiro dá ordens aos empregados, falando agora muitas palavras arrevesadas em português;

12)- Empregados fazem comentários mordazes sobre os patrões;

13)- Sayuri, vestindo roupa brasileira, com um chapéu de palha na cabeça, aprende a montar, amedrontada, dando risadas;

14)- Massao pede a Antônio Garcia que siga a seu lado, para protegê-la de algum acidente. Os dois seguem, a cavalo, para um passeio nas imediações da sede;

15)- Kyoshiro, preocupado, acompanha, com os olhos, o passeio de Sayuri.

SOM - Para esta sequência especial serão compostos temas musicais misturando harmonias brasileiras e japonesas, destacando o som de violas e do "biwa" japonês.

32. Outros detalhes, também sem ordem de tempo e espaço, enfatizarão, de forma simbólica, o conflito que a presença cativante de Sayuri provoca em Antônio Garcia, de um lado, e no próprio Massao Takeda, de outro.

Um deles, por exemplo, mostrará o velho fazendeiro que, num canto da fazenda, acompanha, disfarçadamente, o caminhar de Sayuri e Kyoshiro. Os dois, amorosamente, passeiam perto da casa-grande.

A lente teleobjetiva detalha o rosto feliz do casal, entregue à sua intimidade, enquanto Massao, mais adiante, consertando uma cerca de moirões, deprimido e solitário, é uma imagem contrastante e envelhecida.

Outro detalhe revelará, também veladamente, a crescente influência da japonesinha nos sentimentos meio rudes de Antônio Garcia: o capataz, levando ao colo um bezerro recém-nascido, aproxima-se de Sayuri, que planta sementes na horta, e pede permissão para batizá-lo de "Sayuri", em sua homenagem. A moça concorda, sorridente, afaga o animalzinho, e só diz, delicadamente, "muito obrigada, meu amigo".

A sequência se conclui com tomadas, em P.P., do rosto de Sayuri, de Massao e de Antônio Garcia, revelando suas reações, seu grande contraste e antagonismo.

SOM - Estas últimas tomadas da sequência serão pontilhadas por tema musical de insinuação pressagiosa.

Sequência 6

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - NOITE

33. Colocada em ponto destacado, câmera, em P.G., enquadra a casa-grande e outras construções da fazenda.

É noite, uma noite de grande lua, tensa e palpitante.

Câmera, em lento movimento da lente "Zoom", aproxima-se da sede da fazenda, de cujas janelas saem fachos de luz.

Depois penetra no quarto de Massao Takeda.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

34. Câmera, já instalada no carrinho de "travelling", avança no quarto do fazendeiro, até enquadrá-lo em P.P., revelando sua expressão nervosa e inquieta. Massao caminha alguns passos, vai até a cômoda e, uma vez mais, contempla o retrato de Kimie, que a câmera detalha em P.P.

SOM - Música insinuante, predominando trimbres japoneses.

EXTERIOR - JANELA DO QUARTO DE SAYURI - NOITE

35. Partindo do P.P. do retrato de Kimie, câmera, colocada no lado de fora da casa, focaliza, também em P.P., o belo rosto de Sayuri.

Depois a máquina recua, abrindo o quadro e deixando ver, ao lado da japonesa, Kyoshiro Takeda. Os dois dialogam, em japonês, apreciando a paisagem. Há um certo ar de melancolia e saudade no casal.

→ X KYOSHIRO e SAYURI fazem-se confidências, em japonês, lembrando coisas do Japão.

SOM - Música japonesa, melancólica.

Câmera, a seguir, deixando o casal em sua nostálgica intimidade, recua, em Trav-Atrás e, fazendo Pan.-Esq.-Direita, vai enquadrar a paisagem circundante.

Mais adiante, clareados pelo lugar e pelos fachos luminosos que saem das janelas, vêem-se os currais, o páiol, os galpões, árvores do pomar e do jardim e, mais ao fundo, próxima a um facheiro, a casinhola de Antônio Garcia.

A "Zoom" avança em sua direção, fechando o quadro até o P.P. do capataz, sentado à soleira da porta de entrada.

SOM - Música de atmosfera, agora com tema brasileiro e sons de instrumentos de percussão.

EXTERIOR - CASA DE GARCIA - NOITE

36. Em nova angulação, câmera agora focaliza o capataz, em P.A., fumando, distante e enigmático.

Depois se levanta e, vagarosamente, caminha pelas imediações. Seguido pela câmera, vai até um morrinho de onde, silhuetado contra o céu, fica olhando, demoradamente, a casa da fazenda, de onde agora só escapa um facho de luz.

"Zoom" novamente é acionada, aproximando-se, lentamente, do ponto de luz, até delimitar, com nitidez, o quarto de Massao Takeda.

SOM - A música incidental, antes de inspiração brasileira, adquire tonalidade japonesa.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

37. O velho japonês, accocorado à moda oriental, reza diante da imagem de Buda, protegida num nicho.

Neste instante, ferindo o silêncio da noite, começa a ouvir-se, off e em bg, o ruído de galope.

SOM - Galope de cavalo, em bg.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

38. Transferindo-se para o quarto de Sayuri e Kyoshiro, câmera enquadra, em P.A., o leito do casal. O japonês dorme profundamente, enquanto Sayuri, ainda acordada, também ouve o som do galope.

SOM - Galope, em bg.

A moça levanta-se, cuidadosamente, e vai à janela, seguida pela câmera que, ao final do movimento, a deixa em P.P., em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro, mostrando, ao centro e à direita, o exterior da fazenda, no qual se destaca o caminho de terra. Por ele vem vindo alguém, a cavalo.

Ao passar diante da janela, o cavalo é refreado, deixando distinguir a figura máscula de Antônio Garcia, que leva a mão direita à aba do chapéu, saudando discretamente a japonesa.

SOM - Na trilha sonora entra um tema musical romântico, nervoso, marcando o estranho relacionamento do baiano com a japonesa.

EXTERIOR - CAMINHO NA FAZENDA - NOITE

39. Como ponto-de-vista de Antônio Garcia, a objetiva focaliza, ligeiramente do alto, a japonesa que, à janela do quarto, responde quase assustada ao cumprimento do capataz, retirando-se para o interior.

40. X Colocada à altura da janela, no exterior da fazenda, câmera enquadra Antônio Garcia que fustiga o cavalo e arranca, em galope, pela estradinha de terra, seguido em panorâmica, até desaparecer numa curva.

SOM - Galope do cavalo, em P.P. e, depois, indo para bg. Cresce, na trilha sonora, tema musical misturando viola e o "biwa" japonês.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

41. X A japonesa voltou a deitar-se, ouvindo, em bg, o galopar de An-

tônio Garcia.

Câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrá-lo em P.P., o olhar distante, nostálgico.

SOM - Melodia japonesa, predominando o som do "biwa".

EXTERIOR - ESTRADA DO SERTÃO - NOITE

42. A objetiva mostra agora, em G.P.G., um largo trecho da paisagem sertaneja, deixando ver o caminho de terra que serpenteia na caatinga arenosa. Por ele, galopando sempre, se pode ver o capataz, que segue para a Ponta da Serra.

Depois a objetiva detalha o galopar de Antônio Garcia, alternando P.Ps. de seu rosto, fechado, misterioso, e da paisagem sertaneja.

SOM - Na trilha sonora ouve-se agora música de inspiração brasileira, com tema nordestino e insinuação de ritmos de Candomblé.

EXTERIOR - PONTA DA SERRA - NOITE

43. P.G. do povoado de Ponta da Serra, no instante em que Antônio Garcia, sempre a galope, atravessa o miserável arruado do lugarejo e vai parar diante de uma casa, numa esquina.

SOM - Ouvem-se, em bg., ruídos de danças música da época (talvez samba cantado por Francisco Alves), de uma vitrola, ruídos, gargalhadas

44. Antônio Garcia desmonta, diante da pensão de mulheres. Depois entra na casa.

SOM - Ruídos e música mais fortes.

INTERIOR - PENSÃO DE MULHERES - NOITE

45. Deslocando-se para o interior do prostíbulo, também uma espécie de "dancing" da roça, câmera mostra a sala repleta de homens e mulheres: gente do campo, fazendeiros, comerciantes, prostitutas brancas, negras e mulatas. Há muita fumaça e, vindo de uma vitrola, ouve-se, forte, melodia da época (talvez samba com Francisco Alves, ou Orlando Silva).

SOM - Samba da época, forte. Ruídos ambientais, vozes, risadas.

Antônio Garcia, saudado com efusão por uns e outros, procura uma das mulheres, a Luiza, que avista a um canto. Vai ao seu encontro, abraça-a e, enlaçado nela, deixa a sala, ganha um corredor e, ao fundo, penetra num dos quartos.

INTERIOR - QUARTO DA PENSÃO - NOITE

46. No quarto da pensão, câmera focaliza o capataz e a prostituta, uma morena forte e bonita, os seios fartos e longos cabelos.

Com certa sofreguidão, o baiano, fechando a porta à chave, atraca a mulher, começa a despí-la, beijando-a na boca.

ANTÔNIO GARCIA, abrasado de desejo, diz que estava morrendo de saudade da Luiza de Ponta da Serra, e expressões de sensualidade (A REDIGIR).

SOM - O som da música popular vem do fundo, em segundo-plano.

Garcia acaba de despir a moça, cujo corpo é jovem e rijo. Deita-a na cama, despe-se também e debruça-se sobre ela.

Câmera, então, abandona o casal em seu forte desejo, avança até a janela e, por ela, vai mostrar a paisagem noturna. No quadro, ao fundo, destaca-se contra o céu a velha igreja sertaneja.

Sequência 7

EXTERIOR - HORTA DA FAZENDA - MANHÃ

47. No dia seguinte, pela manhã, a fazenda voltou à sua rotina de todo dia. Sayuri trabalha na horta, com a enxada, preparando a terra

para o plantio. Veste um graje leve, deixando ver o colo alvo, os braços delicados. Seus cabelos estão soltos, o rosto se queima ao sol.

Distraída, não percebe a aproximação de Antônio Garcia, que regressa do povoado.

SOM (off) de cavalo se aproximando.

48. A japonesa continua entregue ao trabalho, até que percebe a chegada do capataz.

Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se dela, até enquadrá-la em P.P. Sayuri ergue os olhos, voltando-se lentamente na direção do cavaleiro.

49. Como ponto-de-vista da japonesa, câmera, em "contre-plongée", focaliza, em P.A., o capataz que entra no quadro pela esquerda, estaca o animal e olha fixamente na direção de Sayuri. Seu olhar é penetrante, cheio de desejo e admiração.

50. Em posição, agora, de "plongée" e contra-campo, câmera enquadra, também em P.A., a japonesa que para de trabalhar e, assustada, olha na direção do baiano. Deixa cair a enxada, levanta-se e se afasta alguns metros.

51. Mudando a angulação, indo agora para P.G. , câmera deixa Sayuri e Antônio Garcia, montado, à direita do quadro e, ao fundo, a porta da cozinha da casa-grande. Diante dela se vê Kyoshiro Takeda, que acaba de chegar e presencia a cena, compreendendo tudo.

52. P.P. de Kyoshiro, parado à porta dos fundos, olhando na direção do capataz e da mulher.

SOM - Entra tema japonês, dramático, pressagioso.

53. P.P. de Antônio Garcia, no alto do cavalo, os olhos fixos no japonês, quase em desafio.

SOM - O tema musical adquire tonalidade brasileira, de inspiração nordestina, e sons de viola e atabaques.

54. P.A. de Sayuri, que vai ao encontro do marido.

55. P.M. do grupo e parte da horta e dos fundos da fazenda. Antônio Garcia esporeia o cavalo e, tocando a aba do chapéu, arranca em galope.

Sayuri chega perto do marido que, com olhar sombrio, acompanha o capataz, que se afasta.

EXTERIOR - GALPÃO - MANHÃ

56. Antônio Garcia chega ao galpão, apeia, retira o arreio, que pendura à parede e, ao deixar o lugar, vê Massao Takeda que se aproxima.

Vai ao seu encontro, desculpando-se pelo atraso.

ANTÔNIO GARCIA desculpa-se pelo atraso, dizendo que estivera na Ponta da Serra (A REDIGIR).

MASSAO não dá grande importância ao fato e avisa ao capataz que, no dia seguinte, seria folga para todos. Explica que é dia de feriado japonês, a "Tanabata Matsuri", do costume tradicional de sua gente. Pede ao capataz que mande cortar varas de bambu, levando-as à fazenda (A REDIGIR).

Os dois, em seguida, se separam. Garcia vai ao encontro de alguns empregados, providenciando os bambus, enquanto Massao volta ao interior da fazenda.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - DIA

57. Massao chega à sala de jantar, na qual, à mesa grande, dona Mari e Sayuri estão recortando bandeirolas de papel colorido, preparando faixas e pequenas lanternas. Kyoshiro, ao lado, ajuda-as, confeccionando lanternas coloridas.

Nas tiras de papel, em forma de bandeirolas, os japoneses escrevem frases em caracteres nipônicos.

→ MASSAO, falando em japonês, informa as últimas

providências que tomou para a festa. (A REDIGIR).

Kyoshiro aproxima-se do tio e o leva a um canto, onde os dois, em voz baixa, conversam.

KYOSHIRO indaga, discretamente, ao tio se Antônio Garcia é de fato homem de confiança.

MASSAO reafirma a lealdade do capataz e pergunta, intrigado, a razão da dúvida.

KYOSHIRO diz que talvez seja cisma, que tem suas reservas com o capataz, apenas uma questão pessoal.

MASSAO informa ao sobrinho que Garcia nasceu na fazenda e a ela vem dedicando toda sua vida, num trabalho infatigável (A REDIGIR).

O diálogo dos japoneses interrompe-se com a aproximação de Antônio Garcia e de dois outros empregados, que trazem varas de bambu, encomendadas pelo fazendeiro. Depois se afastam, enquanto Kyoshiro e Massao vão ajudar as mulheres em sua tarefa.

Câmera avança sobre a mesa, até detalhar uma faixa de papel, sobre a qual Sayuri desenha caracteres japoneses.

Sequência 8

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - MANHÃ

58. Câmera focaliza, em P.P., uma vara de bambu, fincada diante da casa, e da qual pendem tiras de papel, ~~bandeirolas e lanternas japonesas coloridas~~.

Depois de recuar, abrindo em P.G., câmera mostra a curiosa decoração que enfeita a fazenda e lhe dá um aspecto festivo e diferente.

SOM - Música japonesa, festiva.

Os empregados, no dia de folga, divertem-se com os preparativos

da festa japonesa, enquanto outros ainda fincam bambus diante das casas de agregados.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - MANHÃ

59. Na sala de jantar, e em todo o interior da fazenda, a animação ainda é grande.

Dona Mari, Sayuri, "siá" Engrácia e outras mulheres, ultimam os preparativos.

INTERIOR - COZINHA - MANHÃ

60. Na cozinha a movimentação também é intensa. Por ela transitam, num contínuo vai-e-vem, dona Mari, "siá" Engrácia, meninas e empregadas, preparando pratos especiais, doces, comidinhas japonesas e baianas.

SOM - Ouve, na trilha sonora, curiosa mistura de sons e melodias brasileiras e japonesas.

EXTERIOR DA FAZENDA - MANHÃ

61. Câmara registra novos flagrantes da "Tanabata Matsuri", fixando a pitoresca decoração, o burburinho das pessoas que trazem e levam coisas.

Enquanto isto, em grupos espalhados, os empregados, que nada fazem, acompanham, meio ironicamente, a agitação das mulheres.

FUSÃO

Sequência 9

EXTERIOR DA FAZENDA - TARDE

62. Tudo agora está mais calmo. Os empregados passeiam pelas imediações da casa-grande, aguardando os acontecimentos.

É quando sua atenção é despertada pela inesperada e surpreendente aparição, na varanda da sede, dos quatro japoneses.

Vestidos à moda nipônica, com vistosos quimonos, de cores fortes, com penteados especiais e uma maquiagem que embranquece seus rostos Kyoshiro, Massao, Sayuri e dona Mari deixam o interior da casa trazendo bandejas com doces, licores e o tradicional pudim-de-arroz.

SOM - Música japonesa, bem típica e ritual sobe na trilha sonora.

Câmera detalha a exótica aparição, seguindo o suave caminhar, com passos curtos e medidos, dos quatro estrangeiros.

63. Os japoneses chegam, em seguida, às moradias humildes dos empregados que, grandemente surpreendidos e honrados pela visita, insistem para que entrem, "para tomar um cafezinho".

MASSAO, em seu português pitoresco, agradece, dizendo que vieram oferecer-lhes doces e pudim-de-arroz, orando à Estrela Tecelã para que conceda perícia e progresso no trabalho de cada um, e saudando seus antepassados e parentes mortos.

Depois estendem aos agregados, perplexos e intimidados, as tijelinhas de doces e licor, que eles aceitam, agradecendo muito.

SOM - Na trilha sonora a música japonesa é substituída por acordes de inspiração brasileira.

Os japoneses, em seguida, percorridas as casas dos empregados, regressam à fazenda, já ao entardecer.

INTERIOR DA FAZENDA - TARDE e NOITE

64. No interior da fazenda, quase ao anoitecer, os japoneses, agora fechados em sua intimidade, devotam-se à sua comemoração particular.

Acendem as lanternas, preparam chá, bebem licor e vinho, degustam os pratos da cozinha japonesa.

Depois Sayuri, particularmente bela neste dia, apanha o "biwa" e, acompanhada pelo típico instrumento de corda do Japão, começa a cantar velhas melodias de sua terra, e que falam da antiga tradição chinesa da Estrela Tecelã, separada pela Via Láctea do seu amante Altair, com quem se encontra uma vez por ano, na noite de 7 de julho.

Diante de Sayuri, Kyoshiro, Massao e dona Mari não só ouvem,

nostálgicos, os cânticos do Japão, como também acompanham, em coro, os versos de Sayuri e, vez e outra, ensaiam uma pitoresca coreografia de passos curtos e longas reverências.

SOM - Cânticos tradicionais do Japão, ao som do "biwa" e outros instrumentos típicos.

EXTERIOR - FAZENDA - NOITE

65. Câmera, deixando os japoneses em sua extravagante celebração particular, ganha o exterior da fazenda, fixando a paisagem noturna.

Muitas lanternas coloridas estão acesas em vários pontos, lançando fachos de luz sobre o local.

SOM - Vindo de dentro da casa, o som da música japonesa ecoa pelas imediações, criando uma atmosfera poética e incomum.

INTERIOR DA FAZENDA - NOITE

66. X Voltando ao interior da fazenda, câmera detalha agora novos flagrantes da festa.

É quando, inesperadamente, começam a ouvir-se, em bg, ruídos fortes de atabaques e vozes humanas.

SOM - Na trilha sonora confundem-se agora os sons da festa japonesa e, vindos do exterior, de atabaques e vozes num ritmo agressivo e diferente.

Os japoneses, surpreendidos pelas batidas compassadas dos atabaques, interrompem a festa, escutando.

Até que, distinguindo melhor os sons intrusos, Massao esclarece os parentes.

→ X MASSAO explica, em japonês, que é o som do Candomblé, a grande festa popular da Bahia.

(A REDIGIR)

Depois os japoneses, habituados aos ritmos da festa afro-brasileira, voltam à sua comemoração.

Câmera, lentamente, aproxima-se, em Trav-Avante, das mãos de Sayuri, dedilhando o "biwa".

SOM - As cordas do "biwa" fazem soar um som monótono e nostálgico.

INTERIOR - GALPÃO DA FAZENDA - NOITE

67. Partindo do P.P. das mãos de um negro, golpeando com força um atabaque afro-brasileiro, câmera recua, abrindo o quadro, até mostrar, em P.G., o vasto galpão da fazenda, repleto de uma colorida multidão de empregados, camponeses, peões, homens e mulheres das redondezas.

SOM muito forte das batidas do Candomblé.

O galpão, onde normalmente se guardam carros-de-boi, carroças, arreios e outros utensílios da vida rural, fora preparado para terreiro de Candomblé.

Antônio Garcia e os companheiros de trabalho, julgando-se obrigados a retribuir a gentileza dos patrões, providenciaram a vinda de um grupo folclórico de Ponta da Serra. O próprio capataz participa do grupo.

Ali estão, no vasto recinto, "pais e mães de santo", "filhas e ògãs", tocadores de atabaques, agôgôs e cabaças, além de uma multidão de espectadores, gente do povo, participando, com sua crendice, do mais popular ritual afro-brasileiro.

Câmera, em panorâmicas e movimentos flexíveis de "travelling", detalha o cerimonial primitivo.

No fundo do recinto, pendendo de uma viga de madeira, vê-se um chifre de boi, homenagem à divindade protetora. De um lado a outro estendem-se cortinas e enfeites de palha e papel de cor, compondo desenhos caprichosos.

Separado por uma cerca de madeira, o lugar dos atabaques fica próximo ao altar católico improvisado, e no qual estão dispostas imagens de santos, destacando-se o de Santo Antônio, de profunda devoção em toda

a Bahia, onde é "Capitão do Exército Nacional".

O Candomblé é dedicado ao deus do ferro, "Ogún", representado pelas "ferramentas": um feixe de pequenos instrumentos de lavoura, machado, foice, enxada, pá, picareta, etc.

Antônio Garcia encarna este personagem, vestindo um traje azul e trazendo a espada na mão. Conserva grave circunspeção no papel da divindade afro-brasileira.

"Ogún", como o "dono das estradas", é o ôrixá "que abre as encruzilhadas", por suas estreitas relações com Êxú, seu escravo.

A festa do Candomblé havia começado pouco antes, com a "matança": o sacrifício de animais, galo, bode, pombo, etc., cerimônia marcada por cânticos e danças sagradas.

Quando a câmera vai fixá-lo, no instante em que as "filhas de santo" estão sendo arrumadas em círculo, em volta de uma garrafa de azeite de dendê, um prato com farofa e um copo de cachaça, o Candomblé já alcança um ponto de grande movimentação.

Faz-se o "despacho" ("padê") de Êxú, ao qual se pede "licença para realizar a cerimônia, que ele poderá perturbar, se quiser, e se não for homenageado".

Os atabaques soam fortes, enquanto as "filhas", em coro, entoam canções para Êxú.

SOM - Coro das "filhas de santo". Batidas ritmadas dos atabaques e sons dos agôgôs e cabaças. Ao fundo, como um eco, ouvem-se os sons requintados da festa japonesa.

A série de planos se conclui com o P.P. de uma "filha de santo", com sua indumentária característica, possuída pelo "santo", cantando com histeria.

SOM - Canto esganiçado da "filha de santo" em primeiro-plano.

INTERIOR - FAZENDA - NOITE

68. Em corte direto, acentuando o grande contraste das duas festividades, câmera vai enquadrar, no interior da sede da fazenda, a japonesinha, também em P.P., e que entoa a melodia monótona do folclore do Japão, acompanhada pelo instrumento de cordas.

Depois a câmera recua para mostrar novos detalhes da celebração dos quatro japoneses.

SOM, em P.P. , da festa japonesa, com o Candomblé ao fundo, em bg.

INTERIOR - GALPÃO - NOITE

69. De novo no interior do galpão, alternando as duas festas, câmera volta a documentar o Candomblé baiano, agora em ritmo quase frenético.

SOM muito forte do Candomblé.

A objetiva detalha a dança e a batida dos instrumentos de percussão, dando ênfase à presença de Antônio Garcia, na pele do deus Ógún.

INTERIOR - FAZENDA - NOITE

70. Voltando à casa-grande, a objetiva enquadra, inicialmente, Kyoshiro Takeda, cuja imponente figura substitui o vulto rústico de Antônio Garcia.

O japonês, com sua exótica indumentária, também dança, com movimentos requintados e hieráticos. Sayuri, com o "biwa" de som monocórdio, fornece o ritmo do ritual nipônico.

INTERIOR - GALPÃO E FAZENDA - NOITE

71. A alternância das duas festas, a brasileira, celebrada no galpão da fazenda, e a japonesa, na casa-grande, agora se acelera, marcando o antagonismo de personagens, roupas, decoração, sons e ritmos.

De pés, mãos fazendo soar os instrumentos; de rostos e expressões humanas concentradas no culto e no fanatismo, a objetiva cap-

tará os aspectos mais expressivos e fotogênicos do Candomblé e do Tanabata Matsuri, ecoando na noite sertaneja, confundidos num mesmo espaço e na simetria do culto místico.

Lanternas e tiras de papel, com frases em japonês; enfeites de palha e papel de cor, colares, chifres de boi, imagens de santos e objetos do culto afro-brasileiro, alternam-se na montagem ambivalente, enquanto, na trilha sonora, também se ouvirão os sons tão fortemente antagônicos.

A sequência especial terminará quando, no interior da casa-grande, a festa japonesa se interrompe com a chegada de Pedro Roque, o empregado brasileiro, que bate palmas diante da varanda, chamando "seu" Massao.

O fazendeiro chega à varanda.

EXTERIOR - VARANDA - NOITE

72. Massao Takeda vai ao encontro de Pedro Roque, falando-lhe.

MASSAO pergunta se o empregado quer entrar, indaga o que deseja.

PEDRO ROQUE agradece o convite, desculpa-se por interromper a festa e diz que o mandaram convidar, juntamente com os parentes, para assistir à festa que os empregados estão realizando, em homenagem aos japoneses.

MASSAO agradece, prometendo comparecer (A REDIGIR).

Pedro Roque se afasta, enquanto o japonês volta ao interior da casa.

INTERIOR - FAZENDA - NOITE

73. No interior da casa, o fazendeiro explica aos parentes o recado do empregado.

→ X MASSAO, em lingua japonesa, transmite o convite dos empregados, indaga sua opinião.

Os japoneses aprovam a idéia, com entusiasmo.

Câmera aproxima-se de Sayuri, até fixá-la em P.P. A bela japonesinha aceita animadamente o convite.

→x SAYURI, em japonês, aprova com alegria a ida ao galpão (A REDIGIR).

INTERIOR - GALPÃO - NOITE

74. Deixando, em P.P. e 3/4 de perfil, a imponente figura de Antônio Garcia, em meio à festa do Candomblé, câmera enquadra parte do galpão, favorecendo o ângulo que deixa ver o exterior.

Vêm vindo, ao fundo, os quatro japoneses, vestidos com sua vistosa indumentária.

SOM, em primeiro-plano, do Candomblé.

A multidão de espectadores, concentrada no terreiro, vendo chegar os estrangeiros, abre caminho, respeitosamente.

Um homem velho, participante do Candomblé, recebe os convidados e os conduz ao fundo do galpão, lugar de honra, enquanto os atabaques, em toque especial, prestam homenagem aos visitantes.

SOM - Toque especial dos atabaques.

75. A festa, por alguns instantes, quase se interrompe. Mas, logo a seguir, recomeça com mais intensidade, estimulada agora pela presença dos estrangeiros.

Câmera detalha a extraordinária impressão que o ritual provoca nos quatro japoneses, que acompanham tudo com enorme interesse, quase espantados.

Depois, fazendo panorâmica, vai mostrar as "filhas de santo", que entoam canções a Êxú, enquanto uma delas, mais idosa, chamada de "sidagã", vai dançar em torno da comida sagrada. A mulher tira um pouco de azeite, um pouco de farofa, um gole de cachaça, que lança fora do barracão, para que "o homem da rua possa receber".

76. Fixando em P.P., em Trav-Lateral, os japoneses, câmera detalha

o grande assombro que os faz seguir o cerimonial quase imóveis.

SOM fortíssimo dos atabaques e coro estridente das "filhas de santo".

77. Deixando os japoneses no quadro, de costas, sentados em suas cadeiras, na parte inferior do quadro, câmera mostra, em P.G., o galpão e a festa que parece chegar ao clímax.

No centro da roda, uma "filha de santo", servidora de Ôgún, serve de "cavalo" à divindade, como seu extravagante veículo de comunicação com os mortais.

78. Detalha-se agora, em movimentos flexíveis da câmera, a "filha de santo" que, dançando e cantando no centro da roda, começa a sentir estremeções e tonteira, perdendo o equilíbrio e andando como bêbeda de um lado para outro. Até que, vencida pelo ôrixá, adquire outra fisionomia, em transe, os olhos desmesuradamente aberto.

Possuída pelo deus fetchista, a "filha de santo" toma nos braços uma criança franzina, talvez doente, atira-a para o alto, amparando-a com perícia. Depois sopra sua barriga, os ouvidos, começa a cantar "sotaques", alusões desagradáveis aos desafetos.

SOM - A "filha de santo", em primeiro-plano, começa a cantar "sotaques".

79. Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari, em seu canto, mostram seu assombro, magnetizados pela cerimonial extravagante.

SOM - Ruídos fortes dos atabaques e outros instrumentos de percussão.

80. Depois de mostrar, uma vez mais, o terreiro em P.G., câmera favorece a surpreendente aparição de Antônio Garcia, vestido sempre de Ôgún, e que surge de um canto, com um salto, brandindo a espada, e ganha o centro da roda, dançando uma coreografia imprevista e exótica.

SOM mais intenso dos instrumentos de acompanhamento, enquanto a can-

toria fica mais forte.

81. A súbita aparição do capataz provoca admirada surpresa nos japoneses, principalmente em Sayuri, em cuja expressão, captada pela câmera em P.P., se misturam medo e um fascínio secreto e sutil. Seus olhos acompanham, entre o espanto e a admiração, o movimentado malabarismo coreográfico do baiano.

82. Perito na dança guerreira, o capataz percorre o perímetro da festa, dominada pelo ritmo selvagem dos tambores, com agilidade e imponência.

83. A festa parece atingir seu ponto máximo, quando, inesperadamente, um bode é trazido ao centro do galpão.

O animal, assustadíssimo, berra e tenta escapar. Depois é solto pelos que o seguram.

Antes que possa escapar, o bode tem a cabeça decepada pelo golpe fulminante que Antônio Garcia, de um salto, lhe dá com a espada.

A cabeça do animal vai tombar aos pés de Kyoshiro Takeda, espargindo sangue e aumentando o espanto dos japoneses.

Depois a objetiva vai detalhar Sayuri que, perplexa e muito assustada, tem os olhos presos no capataz, acompanhando o espetáculo bárbaro.

84. Antônio Garcia, próximo aos japoneses, deixa-se espargir pelo sangue quente do animal sacrificado. E quanto avista, poucos metros adiante, a bela japonesa, que vacila no assento.

85. Câmera, deixando o capataz no quadro, em P.P. e 3/4 de perfil, enquadra, em P.M. a japonesinha que, muito pálida, começa a desfalecer.

Antes que caia, o capataz, de um salto, aproxima-se e a toma nos braços, diante da estupefação de todos.

SOM - Os atabaques, afochês e agôgôs, desencontradamente, vão parando de soar, diante do fato inesperado, isto também ocorrendo com a cantoria dos participantes do Candomblé.

86. Mudando a angulação, câmera focaliza o grupo, no qual Antônio Garcia, Sayuri e Kyoshiro estão favorecidos.

É quando Kyoshiro Takeda, recuperando a lucidez, avança contra o capataz, encara-o com ferocidade e arranca Sayuri de seus braços.

Depois, seguido pelos outros japoneses, afasta-se do galpão e regressa à casa-grande.

A festa se interrompe, por algum tempo, reinando no local completo silêncio, só quebrado pelo caminhar dos japoneses, que se afastam no pátio da fazenda.

Depois o Candomblé recomeça, até alcançar a vibração de antes.

Câmera, fechando a sequência, avança até fixar as mãos de um negro, vibrando com força o couro do atabaque.

SOM - Ruídos e cantos do Candomblé, com o som do atabaque em primeiro-plano.

Sequência 10

INTERIOR - FAZENDA - MANHÃ

87. A nova sequência começa com o P.P. das mãos de Sayuri que, na sala de visitas da fazenda, dispõe algumas flores num vaso.

Depois câmera, em Trav-Atrás, amplia o campo, deixando ver Kyoshiro, Massao e dona Mari, que acabam de tomar o café da manhã, preparando-se para nova jornada de trabalho.

→ MASSAO, falando em japonês, aproxima-se de Sayuri e comenta que parece recuperada da indisposição, com melhores cores.

SAYURI responde que se sente muito bem, pronta para voltar ao trabalho na lavoura (A REDIGIR).

Kyoshiro levanta-se da cadeira, à mesa de refeição, e vai ao encontro da mulher, acariciando seu rosto.

→ KYOSHIRO indaga se não será melhor repousar

uns dias mais.

→ X SAYURI responde que, na verdade, está inteiramente recuperada, impaciente para voltar à sua horta, pois não gosta de vagabundagem (A REDIGIR).

Depois o grupo caminha na direção da porta de saída.

Kyoshiro e Massao seguem em frente, seguidos pela câmera, em Trav-Atrás e P.A., enquanto Sayuri e dona Mari vêm atrás.

→ X MASSAO faz as últimas recomendações ao sobrinho, que parte em viagem à capital, por alguns dias, para comprar equipamentos para a fazenda (A REDIGIR).

EXTERIOR - FAZENDA - MANHÃ

88. O grupo chega à varanda, diante da qual já está pronta, com Pedro Roque na boléia, esperando o patrão, a charrete.

Antes de subir, Kyoshiro aproxima-se do tio e, em voz baixa, recomenda cautela com Antônio Garcia.

→ X KYOSHIRO, falando em japonês, faz referências ao capataz, recomendando cautela.

↓ MASSAO tranquiliza, uma vez mais, o sobrinho, dizendo que é homem de confiança, apesar das esquisitices, e que passa o dia no campo, cuidando do gado, e que pode viajar tranquilo (A REDIGIR).

Depois Kyoshiro se despede, à maneira japonesa, desce a escadinha do alpendre e embarca na charrete. Pedro Roque retira o chapéu, despedindo-se.

A charrete arranca e se afasta no caminho de terra.

Dona Mari e Sayuri dirigem-se à horta, enquanto Massao, chamando alguns empregados, vai inspecionar os trabalhos na lavoura.

Depois a câmera, movimentando para a frente a lente "Zoom",

aproxima-se do curral e vai fixar, em P.P., o capataz que separa o gado para o pasto e que, de seu lugar, acompanha, calado, a partida de Kyoshiro Takeda.

89. Em nova angulação, favorecendo agora, em P.G., a sede, o pátio, pomar e a horta, câmera mostra a tórrida paisagem sertaneja, sobre a qual se abate um sol implacável.

Sequência 11

EXTERIOR - FAZENDA - NOITE

90. Usando a mesma angulação anterior, câmera agora mostra a paisagem à noite.

É uma noite clara, morna e silenciosa.

Câmera, através de panorâmica e do movimento da "Zoom", aproxima-se da casa-grande, cujas luzes estão apagadas, em silêncio.

O movimento termina quando fixa, com nitidez, a varanda, na semi-obscuridade, e o vulto de Massao Takeda, sentado na cadeira de balanço.

91. Câmera se acerca do fazendeiro que, sem sono, na noite quente, viera espairecer no alpendre, fumando e bebendo licor.

SOM - Latidos de cachorro, em segundo-plano, e de grilos e coaxar de sapos.

92. Deixando o velho japonês à direita do quadro, quase de perfil, câmera mostra parte da varanda. Por ela alguém, vindo do fundo, está chegando.

Depois se distingue Sayuri que, também insone, perturbada pelo calor, ~~[illegible]~~ vem tomar a fresca da varanda.

A moça veste uma camisola fina, sob a qual se insinuam formas belas e juvenis.

Vai estender-se na rede, próxima de Massao. Uma terna intimidade os envolve, deixando Sayuri à vontade, entregue a um preguiçoso torpor.

SOM - Sobe, na trilha sonora, o tema musical de Sayuri, com predominância de sons do "biwa".

→X SAYURI, chegando à varanda e indo estender-se na rede, explica ao tio, em japonês, que está sem sono, sentindo muito calor. Ali na varanda está mais fresco e gosta de ouvir os ruídos da noite (A REDIGIR).

93. Deixando Sayuri de frente, em P.A. , e Massao Takeda em P.P. , à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera capta o tranquilo diálogo dos dois, fazendo-se confidências, lembrando a pátria.

→X SAYURI E MASSAO dialogam, em japonês, fazendo confidências, recordando coisas do Japão. (A REDIGIR).

SOM - Tema musical japonês.

Depois câmera, em lento Trav-Avante, tira Massao do quadro e vai fixar Sayuri em P.P.P. , a cabeça recostada na rede.

Sob o luar, na atmosfera envolvente que a música acentua ainda mais, a bela japonesa é uma imagem fascinante e serena. Seu rosto é de grande doçura, o colo alvo, os seios mal ocultos pelo tecido, os braços de delicados contornos, as pernas bem feitas e esguias. Câmera, descendo por ela, destaca um corpo jovem e atraente, onde tudo repousa, em harmoniosa displicência.

94. Fixando agora o japonês, também em P.P. , câmera detalha a reação, sutil e penetrante, que a presença de Sayuri vai provocando no fazendeiro. Sua tranquila serenidade começa, lentamente, a transformar-se numa íntima agitação que torna mais intenso o cansado olhar do japonês, no qual renasce perigosamente uma sensualidade sepultada no tempo.

Apaziguado, como um estado crepuscular, o desejo físico começa a excitar os sentidos de Massao, dando mais força a seu olhar.

95. Voltando a enquadrar os dois, como no plano 93, câmera mostra agora a reação de Sayuri que, intuitiva e feminina, percebe a transfor-

mação que se opera no fazendeiro.

Os dois se calam. Câmera, então, com lentidão e minúcia, aproxima-se de Sayuri, até enquadrá-la em P.P.P. , mostrando sua crescente intranquilidade.

96. Depois, em contra-campo, coloca Sayuri em P.P. e 3/4 de perfil, com Massao no centro do quadro, em P.A.

A seguir, em movimento lento e suave, aproxima-se do japonês, que parece voltar ao passado, a memória recriando imagens de um tempo perdido, e que agora revive.

De fato, na noite retrospectiva, iluminada por uma luz tênue, quase irreal, Massao se transfigura.

97. Modificando a angulação, e retirando Sayuri do quadro, câmera focaliza Massao, em P.P. e 3/4 de perfil. No centro, o corredor e a varanda que se quebra mais adiante.

Aparece, então, ao fundo, em imagem envolvida por uma espécie de neblina, o vulto de uma mulher (a própria Sayuri) que é, na memória de Massao, sua falecida esposa, em tempo de juventude.

Alguns detalhes no vestuário, no penteado e na maquiagem permitem à intérprete de Sayuri transformar-se na esposa de Massao, que dele se aproxima, amorosamente.

Câmera recua, deixando entrar no quadro a rede, agora vazia, e na qual o vulto enevoado vai estender-se. Massao, em movimento "ralenti", levanta-se da cadeira e caminha na direção da mulher.

98. Como ponto-de-vista de Sayuri, câmera focaliza o fazendeiro que se aproxima da rede, até ficar em P.P. Sua expressão é estranha, abrasada de amor.

99. Deixando Massao à esquerda do quadro, a objetiva mostra Sayuri, novamente na realidade, sem os detalhes da cena recapitulativa.

A japonesa, muito preocupada, faz o gesto de levantar-se, fugindo do fazendeiro que agora lhe estende a mão, como se fosse afagar seu rosto.

SOM - Neste exato instante o latido de um cão, perto da varanda, faz Massao voltar à realidade.

100. P.P. de Massao Takeda, com Sayuri em 3/4 de perfil, "amorcée", revelando o profundo constrangimento do velho fazendeiro, que não sabe o que fazer.

Sayuri completa o movimento de levantar-se, muito confusa.

Câmera recua, abrindo o quadro e corrigindo a angulação.

Sayuri, antes de deixar a varanda, dirige-se ao velho.

→ SAYURI, em japonês, explica que está fatigada, vai dormir. Despede-se.

MASSAO, profundamente abatido, só consegue responder à despedida, parado ainda no mesmo lugar (A REDIGIR).

Depois a moça se afasta, enquanto o fazendeiro caminha cansadamente no alpendre, volta a sentar-se em sua cadeira.

Câmera, lentamente, dele se aproxima, até fixá-lo em P.P., deixando ver sua grande prostração moral, seu remorso e humilhação.

Depois, fazendo panorâmica-direita-esquerda, câmera vai enquadrar, em P.G., a paisagem noturna.

Continuando a panoramizar, a objetiva mostra, finalmente, no jardim, o vulto de Massao Takeda, que deixou a varanda e vai orar diante do túmulo de Kimie.

EXTERIOR - JARDIM - NOITE

101. Enquadrando Massao, em P.A., prostrado diante do túmulo, câmera recua. O fazendeiro, então, se ergue, caminha na direção da casa-grande.

Seu olhar é estranho, enigmático.

Sobe a escadinha, atravessa a varanda e entra na casa.

INTERIOR - FAZENDA - NOITE

102. Massao atravessa a sala de visitas, a sala de refeições e, finalmente, o corredor, no qual lança sua solitária sombra.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

103. Deitada em sua cama, e fixada pela objetiva em P.P., Sayuri ainda não dormiu e, os olhos abertos, a expressão melancólica e pen-

sativa, começa a ouvir os passos de Massao Takeda nas tábuas do corredor.

Olha na direção da porta, quase assustada.

SOM dos passos de Massao, no corredor, em bg.

INTERIOR - CORREDOR - NOITE

104. Massao Takeda chega diante da porta de seu quarto, que ele abre, entra e fecha por dentro.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

105. O fazendeiro completa o gesto de fechar, à chave, a porta do quarto.

Depois vai ao guarda-roupa, de onde retira um traje especial, solene, quase sacerdotal, com túnicas e faixas, que começa a vestir.

Prende os cabelos, à moda tradicional dos samurais, caminha na direção do nicho com a imagem de Buda, diante do qual se prostra, orando.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

106. Transferindo-se para o interior do quarto de Sayuri, câmera mostra a japonesinha quando deixa o leito e, caminhando cautelosamente, vai até a porta, fechando-a à chave.

Depois, triste, mais tranquila, volta ao leito, deitando-se.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

107. Massao Takeda, seguido pela câmera em "travelling" e panorâmica, vai contemplar, demoradamente, o retrato de Kimie, como se despedisse dela e pedisse perdão.

Apanha, depois, uma moringa de água, enche um copo, abre um armário e, de seu interior, traz um frasco com líquido escuro, que despeja no copo.

Câmera avança até enquadrá-lo em P.P., quando o fazendeiro, impassível, serve lentamente todo o conteúdo do copo.

Depois vai ao leito, retira a sandália, estende-se nele, fecha os olhos e fica esperando

SOM - Aumentam, na trilha sonora, cantos de galos e de pássaros, antecipando o amanhecer, que não tarda.

Sequência 12

INTERIOR - COZINHA - MANHÃ

108. Câmera enquadra um bule de café esquentando na trempe do velho fogão de lenha, na cozinha. Depois recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro e deixando ver parte da cozinha, com uma janela ao fundo, dando para a horta. A cozinheira, "siá" Engrácia, atiça o fogo, enquando dona Mari, que vem da sala de refeições, apanha, na mesa perto do fogão, um prato com biscoitos.

"Siá" Engrácia, preocupada, fala à patroa:

"SIÁ" ENGRÁCIA pergunta se "seu" Massao já se levantou, se foi tomar café.

DONA MARI, com o forte sotaque e o português arrevesado, responde negativamente, e que está começando a ficar preocupada (A REDIGIR).

Depois a mãe de Kyoshiro se afasta, levando os biscoitos.

INTERIOR - SALA DE REFEIÇÕES - MANHÃ

109. Na larga sala de refeições, com várias janelas que dão para a varanda, o jardim e o pátio interno da fazenda, Sayuri termina de fazer uma arrumação na mesa.

Dona Mari chega da cozinha, deposita o prato de biscoitos na mesa, caminha até uma porta, que dá para o corredor. Espia lá dentro e, em seguida, volta para perto da nora, e lhe fala.

→ DONA MARI, em japonês, manifesta sua apreensão, estranhando a demora do fazendeiro, normalmente o primeiro a chegar à sala de refeições.

SAYURI concorda com a sogra e sugere que se vá ao quarto do fazendeiro, para chamá-lo (A REDIGIR)

110. "Siá" Engrácia chega à sala, trazendo uma compota de doce de abóbora. Dona Mari lhe fala:

DONA MARI pede à empregada que chame alguém para, juntamente com elas, ir ao quarto do fazendeiro (A REDIGIR).

A cozinheira volta à cozinha, enquanto as duas mulheres, caladas, fazem alguma arrumação na sala.

Pouco depois entram "siá" Engrácia e Pedro Roque. O grupo, então, dirige-se ao quarto do fazendeiro.

INTERIOR - CORREDOR - MANHÃ

111. Dona Mari, Sayuri, "siá" Engrácia e Pedro Roque chegam diante do quarto de Massao Takeda. Batem à porta e esperam. Tornam a bater.

Mostrando, em detalhes, a grande apreensão que marca o rosto de todos, câmera aproxima-se de Pedro Roque que, forçando a porta, consegue arrombá-la.

O grupo, em seguida, entra no quarto.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - MANHÃ

112. Como ponto-de-vista do grupo, câmera focaliza o leito de Massao Takeda em P.M. Depois, avançando em Trav., vai até o P.P. do japonês, que está morto, a expressão apaziguada.

SOM - Música japonesa, dramática, com insinuação de batidas ritmicas da saga samurai.

Seqüência 13

EXTERIOR - VARANDA - DIA

113. Partindo também do P.P. do rosto de Kyoshiro, que chegou da cidade, avisado da tragédia, câmera revela sua grande tristeza.

Depois, recuando em Trav., amplia-se o quadro, deixando ver

Sayuri, dona Mari, Pedro Roque e, mais afastado, Antônio Garcia.

Sayuri, chorando, abraça-se ao marido, enquanto dona Mari narra o ocorrido ao filho, que sobe a escadinha da varanda e vai ao interior da casa.

→ DONA MARI narra, em japonês, a tragédia do suicídio do fazendeiro (A REDIGIR).

INTERIOR - SALA DE VISITAS - DIA

114. Kyoshiro, com a mulher, a mãe e alguns empregados, chega à sala de visitas, na qual, sobre uma mesa, cercado por quatro velas, já se vê o caixão mortuário de Massao Takeda.

Kyoshiro vai prestar sua última homenagem ao tio.

Depois se afasta, fica num canto, enquanto outras pessoas, fazendeiros vizinhos, gente das redondezas e empregados, vêm apresentar condolências aos japoneses.

115. Pedro Roque aproxima-se de Kyoshiro e lhe entrega uma folha de papel.

PEDRO ROQUE explica que encontrara uma carta do "seu" Massao no quarto, dirigida ao sobrinho (A REDIGIR).

Kyoshiro abre a carta e começa a ler, em voz baixa, para Sayuri, a seu lado.

→ KYOSHIRO lê a carta, em voz baixa. Escrita em japonês, nela o fazendeiro explica, concisamente, que a vida, na velhice, só lhe trazia amargura e remorso. Pede perdão a todos pelo gesto de fuga e, como desejo final, determina que o enterrem ao lado da mulher, no jardim. Com um adendo, escrito em português, recomenda expressamente ao tabelião de Bonfim, Isidoro Neves, a transmissão de todos seus bens ao sobrinho (A REDIGIR).

Durante a leitura da carta, câmera, para evitar a monotonia da imagem fixa, faz panorâmica, deixando a voz off de Kyoshiro, e detalha flagrantes do velório, mostrando as expressões compungidas dos participantes e, mais demoradamente, de Antônio Garcia, calado, num canto.

Ao concluir a leitura da carta de Massao, Kyoshiro estará olhando, também expressivamente, na direção do capataz.

Sequência 14

EXTERIOR - TÚMULO NO JARDIM - TARDE

115. O corpo de Massao Takeda acaba de ser enterrado no túmulo de Kimie, no canto do jardim.

Diversas pessoas começam a dispersar-se, enquato Kyoshiro, dona Mari e Sayuri, acabrunhados, voltam ao interior da fazenda.

Deixando a mulher e a mãe entrarem, Kyoshiro fica ao pé do alpendre e chama Antônio Garcia, alguns metros adiante:

KYOSHIRO - "Seu" Garcia, faz favor...

O capataz se aproxima, o chapéu à cabeça, calado, esperando.

KYOSHIRO, secamente, em português complicado, despede o empregado, pagando-lhe três salários, autorizando-o a partir com o cavalo baio, de sua estimação (A REDIGIR).

Antônio Garcia, sombrio, responde também secamente.

ANTÔNIO GARCIA devolve parte do dinheiro, dizendo que não aceita de graça o cavalo, mas que o compra (A REDIGIR).

Depois se afasta, indo na direção de sua moradia.
Kyoshiro entra na fazenda.

EXTERIOR - CASA DE GARCIA - TARDE

116. Câmera enquadra a fachada da pequena moradia de Antônio Garcia. O baiano surge à porta, trazendo alguns pertences, que amarra na garu-

pa do cavalo. Depois torna a entrar na casa.

INTERIOR - CASA DE GARCIA - TARDE

117. Antônio Garcia vai a um canto do quarto, abre um velho armário e de lá retira uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e um comprido punhal, o mesmo da festa do Candomblé. Enfia o punhal na bainha e guarda a imagem numa trouxa de roupa. E torna a sair.

EXTERIOR - FAZENDA - TARDE

118. P.G.da fazenda, com parte da casa-grande, à esquerda, e, ao fundo, os estábulos, o galpão, a estradinha. Por ela vem vindo o ex-capataz, a cavalo, em trote normal.

Garcia, com gestos comedidos, despede-se dos companheiros e passa ao lado da sede, onde vê, à janela, o vulto de Sayuri, a quem saúda, com leve toque na aba do chapéu. Sayuri responde, com ligeira mesura.

Depois o baiano atravessa o pátio, ganha o caminho de terra e se afasta, na direção da Ponta da Serra.

SOM - Sobe na trilha sonora tema musical, com atmosfera dramática, estilizando ritmos de Candomblé.

A sequência se conclui com o G.P.G. da caatinga, a fazenda e, na linha do horizonte, a silhueta do ex-capataz, que se afasta no caminho poeirento, até desaparecer inteiramente.

"FADE OUT" - "FADE IN"

Sequência 15

EXTERIOR - CAMPO DA CAATINGA - NOITE

119. Passando perto de uma depressão na caatinga, Antônio Garcia escuta gemidos. Aproxima-se do buraco e vê, no fundo, um vulto.

Desmonta e, com cuidados, desce ao fundo do buraco, onde distingue um cangaceiro, ferido à bala, a camisa enxarcada de sangue, pedindo socorro. Ao lado dele um fuzil, o chapéu de couro, a cartucheira.

Antônio Garcia procura estancar a hemorragia com um lenço.

Compreende que o homem está morrendo, não pode resistir ao

ferimento.

ANTÔNIO GARCIA indaga de onde ele vem, se deseja que o conduza a algum lugar.

CANGACEIRO FERIDO, juntando as últimas forças, diz que vai morrer, pede que o enterre, para não servir de prato de urubu. Diz que os "macacos" o acertaram, e pede que mande avisar à família, os Maldonados, em Angico, e ao chefe, Aparício Meireles, que deve estar pelas bandas de Tribobó (A REDIGIR).

Depois o cangaceiro morre.

Antônio Garcia, com o punhal, abre uma cova e nela enterra o cangaceiro. Antes de partir, apanha o fuzil, a cartucheira, alguns pertences do morto. Monta e recomeça a viagem, sumindo no escuro da noite.

EXTERIOR - ANGICO - MANHÃ

120. No dia seguinte, pela manhã, o ex-capataz chega a Angico e lá se informa sobre os Maldonados. Alguém, numa venda, dá a informação.

Procurando, depois, o endereço, Garcia, ao cruzar uma esquina, é repentinamente cercado por alguns soldados do destacamento policial.

Levado, com violência, à delegacia, aos gritos de "coiteiro de bandidos", "cangaceiro enrustido", "ladrão de fuzil", o ex-capataz é levado diante do delegado, o Tenente Rubião, homem truculento, a cara bexinguenta, que vem, com socos e tapas, inquirir o baiano.

INTERIOR - DELEGACIA - MANHÃ

121. O Tenente Rubião amarra Garcia num "pau-de-arara", e espanca impiedosamente o ex-capataz.

TENENTE RUBIÃO, em linguagem truculenta, usando palavrões, tenta arrancar a "confissão" de Antônio Garcia, de que faz parte do bando de Aparício Meireles, e o fuzil e a cartucheira são as provas insofismáveis.

ANTÔNIO GARCIA grita sua inocência, tentando, inutilmente, explicar que nada tem a ver com o canga-

ço, que está vindo da "Fazenda do Japonês", onde trabalhou desde menino, que socorrera um homem ferido, à morte, a quem prometera entregar o fuzil aos parentes.

TENENTE RUBIÃO não dá crédito ao ex-capataz, acusando-o de coiteiro do Aparício, e que o bandido que socorreu é o famigerado Duca Maldonado, matador de muitos inocentes (A REDIGIR).

Desistindo de arrancar, "espontaneamente", a confissão, manda jogar o prisioneiro no xadrês, com um "corretivo" preliminar, para refrescar a memória.

Antônio Garcia, os dentes quebrados, sangrando e moído de pancadas, vai curtir na prisão um ódio impotente e definitivo.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - MANHÃ

122. Enquanto isso, na Fazenda do Japonês, a vida parece voltar à normalidade.

Kyoshiro Takeda escolhe Pedro Roque como novo capataz. Introduz novos métodos de trabalho, decide comprar um arado e manda construir novos galpões e instalações para a criação de aves, suinos, etc.

Novos empregados são admitidos, o que dá nova animação à propriedade e provoca, na vizinhança, inveja e motivo de maledicência.

EXTERIOR - ANGICO - DIA

123. Dias mais tarde, apurada a inocência do ex-capataz, Antônio Garcia é libertado. O delegado, em lugar de reconhecer a arbitrariedade, faz novas ameças ao infeliz.

TENENTE RUBIÃO faz ameaças ao baiano, ordenando que desapareça de sua circunscrição e não se meta mais com cangaceiros.

ANTÔNIO GARCIA, em resposta, diz que "o destino da gente é Deus quem escolhe", que tanto leva para longe, como traz para perto.

Sombrio, enigmático, vai apanhar o cavalo, solto num pasto, e

mal-tratado. Monta e, vagarosamente, deixa a cidade.

Sequência 16

EXTERIORES - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

124. Câmera enquadra, em P.P., o sulco que um arado faz na terra. Depois recua, abrindo para P.G. e mostrando a terra preparada para novos cultivos. Através de panorâmica, câmera revela parte da propriedade, modernizada por técnica nova e pela vitalidade de Kyoshiro, visto ao trabalho, instruindo um empregado no manejo do instrumento agrícola.

KYOSHIRO, falando melhor o português, dá instruções ao empregado (A REDIGIR).

Câmera, em seguida, panoramiza e vai enquadrar Sayuri e dona Mari que trabalham na horta, agora ampliada e irrigada por um canal.

Após mostrar as japonesas, entretidas na plantação, câmera conclui o passeio descritivo ao enquadrar, perto do curral, Pedro Roque e dois peões.

Câmera aproxima-se do grupo, até fixá-lo em P.A. Os três homens conversam sobre Antônio Garcia.

1º EMPREGADO diz que um parente de Angico lhe contara a triste aventura do ex-capataz, preso com um fuzil de cangaceiro, levado à cadeia e lá torturado pelo Tenente Rubião.

PEDRO ROQUE lamenta a má-sorte do amigo, comenta a triste fama do Tenente, capaz das maiores crueldades.

2º EMPREGADO intervém, dizendo que Antônio Garcia não é homem de purgar injustiça sem dar o troco. "O Tenente que se cuide", termina sua frase (A REDIGIR).

EXTERIOR - ESTRADA NO CHAPADÃO - TARDE

125. Do P.P. do 2º Empregado, concluindo o diálogo anterior, câmera muda para o P.P. de Antônio Garcia, agora viajando, sempre a cavalo, por outro caminho de terra no interior da Bahia. Está no Norte, perto da fronteira com Pernambuco e do povoado de Icoseiro.

Câmera recua até P.G., mostrando a paisagem e, à esquerda da estrada, uma choça de sitiante. Para ela dirige-se o baiano, que fala ao roceiro.

ANTÔNIO GARCIA, dizendo-se amigo dos Maldonados, de Angico, torturado pelos "macacos" do Tenente Rubião, pede notícia de Aparício Meireles.

SITIANTE, confiando na sinceridade do baiano, informa que Aparício está perto, e aponta na direção de Sudeste, da localidade de Chorocho.

Garcia agradece, esporeia o animal e parte a galope.

Câmera avança até enquadrar o sitiante em P.P. , quando fala à mulher, sertaneja magra e sofrida, que chega do interior:

SITIANTE: "Vai ser cangaceiro, pra sangrar soldado da polícia..."

126. Depois a câmera registra, em G.P.G. , a paisagem crepuscular do nordeste. Antônio Garcia, ao fundo, galopa no caminho de terra, com pressa de chegar.

SOM - Tema musical brasileiro, estilizando o ritmo do Candomblé, com sugestão de guerra e morte.

Sequência 17

EXTERIOR - CAATINGA DE PERNAMBUCO - DIA

127. Em corte direto, do G.P.G. da paisagem do Nordeste, câmera enquadra, com a teleobjetiva, o ex-capataz que galopa no meio do bando

de Aparício Meireles.

Deixou de ser o vaqueiro pacato da Fazenda do Japonês; é agora um dos bandidos que, durante anos, assolaram o Nordeste, criando uma legenda de sangue e violência.

Está vestido com o traje inconfundível dos cangaceiros: o tecido grosseiro, de mescla e alvorada; as calças de brim riscado; os lenços verdes e vermelhos no pescoço; o chapéu de couro batido, enfeitado com desenhos grotescos, cruzes, signos de Salomão, medalhas, fitas, estrelas e botões de madrepérola. Leva o bornal, alforje, cinto e cartucheiras cruzadas, bordadas em linha vermelha. O fuzil nas costas, alparcatas nos pés, completam uma figura tragi-cômica, perdida na lenda e no mito.

SOM - Música expressiva, marcando o tema do bando, depois se simplifica, até reduzir-se ao som de uma viola.

CANTADOR, o mesmo do início do filme, volta a cantar os versos do ABC, exaltando a vida errante de Antônio Garcia,"guerreiro de Aparício Meireles", rompendo o sertão, "fazendo a terra tremer, em cima da pedra dura, duros cascos a bater" (VERSOS A REDIGIR).

EXTERIORES DIVERSOS - SERTÃO - DIA E NOITE

128. Nova série de "flashes" descreverá a vida e proezas de Antônio Garcia, guerreiro de um dos "reis do sertão":

1)- Antônio Garcia galopando na caatinga, fixado em P.P. pela teleobjetiva;
2)- P.P. de Aparício Meireles e de outros cangaceiros, galopando em volta do ex-capataz;
3)- Todo o bando avançando, lentamente, coluna por um, no carrascal da caatinga;
4)- Garcia e companheiros acampados em lugar protegido;
5)- "Flashes" de investidas do bando por fazendas e povoa-

dos: tiroteio, batalha, morte, fuga, castigo;

6)- Cangaceiros conquistam um arraial, fuzilam "macacos", libertam presos, distribuem comida aos pobres;

7)- Cangaceiros num bordel, dançando e cantando;

8)- Cangaceiros numa igreja, contritos, assistindo missa.

129. A sequência especial se conclui com o diálogo, num canto do valhacouto, entre Antônio Garcia e o chefe do bando, Aparício Meireles.

ANTÔNIO GARCIA e APARÍCIO MEIRELES trocam confidências sobre sua gente, aspirações, planos de vingança. O ex-capataz fala dos japoneses e, com interesse especial, sobre Sayuri, cuja beleza exalta. Diz, no fim do diálogo, que deseja rever a japonesinha, dar uma lição no marido (A REDIGIR).

INTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDE

130. Passando do P.P. de Antônio Garcia, conversando com o chefe do bando, para o P.P. de Sayuri, câmera recua e mostra a sala de refeições da Fazenda do Japonês, agora melhor decorada.

A linda japonesinha veste um quimono de cores suaves, com os tradicionais "tabi" brancos. Bebe chá, numa tigela que chamam de "chawan".

A sala está parcialmente decorada para a cerimônia tradicional do "chanoyu", hábito de milênios, e que consiste em servir e beber, quase em forma ritual, o "matcha", que é uma variedade de chá verde, em pó.

Ao lado de Sayuri estão Kyoshiro e dona Mari, ambos também vestindo indumentárias apropriadas. As mulheres trazem um pequeno leque dobradiço, além de vários "kaishi", pequenos guardanapos de papel desenhado.

Estão em volta da mesa baixa, sentados em almofadas, as pernas cruzadas, à moda japonesa. Em volta podem ser vistos utensílios e objetos decorativos típicos, destacando-se um rolo, suspenso na parede, e um "ikebana", ou arranjo floral, arte japonesa de grande beleza.

A cerimônia é íntima, singela, alcançando a beleza genuína pela simplicidade e delicadeza.

Os japoneses movimentam-se com gestos lentos e medidos, utilizando um serviço de "usucha", ou chá fino, de requintados desenhos.

A certa altura, depois de beber chá, Sayuri apanha o "biwa" e começa a cantar velhas estrofes do Japão.

SOM - Sayuri canta melodias japonesas, ao com do "biwa".

Avançando até fixá-la em P.P., câmera encerra a sequência com o belo rosto da japonesa, cantando suavemente.

Sequência 18

EXTERIOR - CAATINGA - DIA

131. Em grande contraste com a requintada tranquilidade da cena anterior, câmera agora focaliza violentos flagrantes de uma batalha entre o bando de cangaceiros e soldados da Polícia.

O tiroteio é cerrado, com mortes e feridos de ambos os lados. A objetiva detalha a refrega, dando ênfase para o instante em que Aparício Meireles recebe um tiro, cambaleia e é socorrido por Antônio Garcia, que o conduz a lugar seguro, onde é alçado ao selim do cavalo e levado para longe.

SOM - Ruídos fortes da batalha.

EXTERIOR - CANTO DE MATO - DIA

132. Levado para sítio protegido, no mato, juntamente com outros cangaceiros, Aparício Meireles, muito ferido e pressentindo a morte, passa o comando do bando ao ex-capataz. Depois morre.

Os cangaceiros o enterram e depois desaparecem no mato, fugindo da perseguição dos soldados.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

133. Câmera enquadra parte do gado que chega ao estábulo para a ração. Sua quantidade é maior e mostra melhor trato e técnica mais

desenvolvida.

Um fazendeiro vizinho, "seu" Fagundes, negocia com Kyoshiro a compra de algumas peças.

Os dois discutem, à moda da gente de roça, regateando, fazendo propostas e contra-propostas.

KYOSHIRO E "SEU" FAGUNDES negociam o gado, regateando, propondo preços, etc. (A REDIGIR).

Concluída a transação, Kyoshiro leva o vizinho até perto da sede, onde o fazendeiro embarca num "Ford" bigode, modelo 1932.

Antes de partir, "seu " Fagundes conversa com o japonês.

"SEU" FAGUNDES fala de Antônio Garcia, dizendo que o ex-capataz virou cangaceiro, que está invadindo as propriedades rurais, cometendo toda sorte de desmando.

KYOSHIRO comenta que sempre considerou Garcia um homem de caráter perigoso, e que o mandou embora da fazenda exatamente por isto (A REDIGIR).

Os dois se despedem. O velho carro arranca, barulhento, e se afasta na estrada.

Câmera avança até fixar Kyoshiro Takeda em P.P. Seu rosto é crispado, sombrio.

EXTERIORES DIVERSOS - SERTÃO - DIA

134. Novos "flashes" da ação do bando de cangaceiros, agora sob a chefia de Antônio Garcia, sucedem-se na tela, mostrando rápidos deslocamentos, sua habilidosa estratégia campestre.

Os bandidos, treinados em lutas de grande mobilidade, irrompem por fazendas e pequenas cidades, desnorteando a polícia, "distribuindo a riqueza dos ladrões, fazendo justiça, punindo os poderosos", como Garcia gosta de proclamar ao povaréu que reúne, por bem ou por mal, depois de cada investida.

EXTERIORES - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

135. Na "Fazenda do Japonês" as proezas de Antônio Garcia repercutem entre os antigos companheiros de trabalho. Fala-se, em toda a região, à boca pequena, que o antigo capataz rivaliza com Lampião em fama e violência.

EMPREGADOS DA FAZENDA comentam, em curtos diálogos, as proezas de Antônio Garcia (A REDIGIR).

EXTERIOR - FEIRA NORDESTINA - DIA

136. Numa movimentada e pitoresca feira nordestina, o Cantador, nosso conhecido, volta a narrar, para um público atento, as novas proezas de Antônio Garcia.

CANTADOR, em forma de ABC, conta as últimas proezas do ex-capataz (VERSOS A REDIGIR).

EXTERIOR - ANGICO - DIA

137. A voz off do Cantador ainda se ouve sob as imagens do bando de Antônio Garcia, quando invade, em investida fulminante, a pequena cidade de Angico, a mesma na qual, algum tempo atrás, sofreu violências do Tenente Rubião.

O bando atravessa a praça principal, imobiliza o destacamento policial, após balear dois ou três soldados, e arrasta para a rua o Tenente Rubião.

Em frente à delegacia, e diante de pequena multidão aglomerada, o militar é friamente sangrado pelo próprio chefe cangaceiro. Depois seu corpo é jogado no interior da repartição.

O bando, da mesma forma como chegou, em galope e aos gritos, deixa Angico, sumindo na caatinga.

SOM - Tiros, gritos, galope.

Sequência 19

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - MANHÃ

138. Dias mais tarde, acompanhado por um empregado, Kyoshiro

Takeda parte em viagem a Juazeiro, a negócio.

Despede-se de Sayuri e da mãe, que ficam à varanda, e embarca na charrete.

→ X KYOSHIRO despede-se da mulher e da mãe, dizendo que se ausentará por poucos dias. (DIÁLOGO EM JAPONÊS - A REDIGIR).

Antes de partir, dá instruções a Pedro Roque, que assume a chefia do trabalho na fazenda.

KYOSHIRO dá as últimas instruções, em português, recomendando cuidados especiais com o gado (A REDIGIR).

Depois se afasta.

EXTERIOR - REGIÃO DO SÃO FRANCISCO - MANHÃ

139. Não muito distante da fazenda, em local próximo ao rio São Francisco, o bando de Antônio Garcia atravessa o chapadão, em trote lento, evitando pontos de maior trânsito.

Câmera, na região mais acidentada, recua e abre a "Zoom" até G.P.G.

Em seguida, faz Pan.Esq.-Dir. e vai enquadrar, em P.M., o japonês que segue, na charrete, no caminho de terra, em sentido contrário aos cangaceiros que, evidentemente, não o vêem.

SOM - Música insinuante, de tom pressagioso, misturando acordes brasileiros e japoneses.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

140. Na Fazenda do Japonês o trabalho continua a rotina normal. Sayuri e a sogra mexem na chocadeira, colhendo ovos; Pedro Roque leva o gado ao pasto; empregados e peões ocupam-se de seus afazeres.

Fazendo panorâmica, câmera vai enquadrar, mais adiante, um capão de mato. Depois, pela "Zoom", vai mostrar, em detalhe, o bando

de Antônio Garcia que espreita, protegido pela vegetação.

De repente, em forte tropel, o bando irrompe na direção da casa-grande, descendo o morrinho, aos berros. Alguns peões procuram resistir, tentando apanhar armas. Antes que as empunhem, os cangaceiros, com grande pontaria, os abatem.

O pânico se generaliza. Homens e mulheres correm a se proteger. Sayuri e dona Mari, a princípio paralizadas pela estupefação, correm ao interior da casa, trancando-se no quarto.

Garcia chega diante da fazenda, desmonta e, de um salto, invade a varanda.

INTERIOR - SALA E QUARTO - DIA

141. O ex-capataz penetra na sala, ganha o corredor e, vendo o quarto trancado, arromba a porta, com um único golpe. Câmera, em movimento veloz, entra com ele no cômodo.

Garcia avista Sayuri a um canto, paralizada pelo terror. Vai ao seu encontro.

É quando dona Mari, com um punhal, corre na direção do cangaceiro, que lhe dá as costas.

Neste exato momento, surgindo à porta do quarto, um dos homens do bando, vendo o gesto da japonesa, saca da arma e, com tiro certeiro, abate-a.

Sayuri desfalece. Garcia toma-a nos braços, estende-a no leito. Depois abre o guarda-roupa, apanha o quimono da japonesa e outros pertences.

EXTERIOR - DIANTE DA VARANDA - DIA

142. A luta terminou. Dois empregados estão mortos, enquanto outros, entre os quais Pedro Roque, foram imobilizados pelas armas dos cangaceiros, que esperam, ao pé do alpendre, a volta do chefe.

Antônio Garcia surge, então, à porta principal, carregando a japonesa e uma trouxa de roupa. A moça, logo a seguir, recupera a consciência e se põe de pé, perplexa.

O ex-capataz monta, no que é seguido pelos companheiros, apanha Sayuri do chão, coloca-a no selim, protegendo-a com o braço direito.

Depois se volta para Pedro Roque e lhe fala:

ANTÔNIO GARCIA: Diz ao "seu" Kyoshiro que levo a mulher, que é para aprender a ter respeito!

Depois ordena a partida, esporeia o cavalo e arranca.

O bando se afasta, em tropel que ecoa longe.

Mais adiante, em meio à nuvem de poeira, desaparece numa curva.

SOM - Música dramática, com sons de instrumentos de percussão em destaque.

Seqüência 20

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

143. Chegando de viagem, horas depois, Kyoshiro Takeda depara com a cena trágica.

PEDRO ROQUE, traumatizado, narra a invasão da fazenda, o assassinato de dona Mari e o seqüestro de Sayuri (A REDIGIR).

O japonês corre ao interior, fechado em seu grande ódio.

INTERIOR - FAZENDA - DIA

144. X Kyoshiro chega ao quarto, no qual, estendida na cama, jaz o corpo de dona Mari.

Curva-se, beija seu rosto, sua mão, depois reza, contrito, à moda oriental. Câmera avança, até enquadrá-lo em P.P., o rosto estranho, transfigurado.

EXTERIOR - CANTO DO JARDIM - TARDE

145. Fixando Kyoshiro Takeda, ainda em P.P., câmera recua para mostrar outro "décor": o canto do jardim com o túmulo de Massao e de Kimie, e no qual também enterrou a mãe.

Atrás de Kyoshiro estão os empregados, alguns vizinhos e familiares.

Depois Kyoshiro se afasta, manda Roque atrelar um cavalo. E volta ao interior da casa.

INTERIOR - FAZENDA - TARDE

146. No interior de seu quarto, Kyoshiro abre um armário, retira a arca japonesa, recolhe alguns pertences e, de novo, ganha o exterior da casa-grande.

EXTERIOR - FAZENDA - TARDE

147. Fora da casa, Kyoshiro vai prender a arca na garupa do cavalo, que está selado, à sua espera.

Pedro Roque aproxima-se e lhe fala.

PEDRO ROQUE desaconselha a viagem sem arma de fogo. Oferece-se para acompanhá-lo.

KYOSHIRO responde que "não está desprotegido", e que deseja partir só. Faz as últimas recomendações, entrega o comando ao capataz, despede-se e monta (A REDIGIR).

Depois o japonês fustiga o animal e parte. A estranha arca reverbera ao sol da tarde. Kyoshiro se distancia na estrada.

Sequência 21

EXTERIORES DIVERSOS DO SERTÃO - DIA

148. Começa, neste ponto, uma longa, patética e obstinada perseguição de ódio e vingança. A partir daí, e até o desfecho de nossa história, a narrativa se dividirá em ações paralelas que descrevem a longa peregrinação de Kyoshiro Takeda, de um lado, e a estranha aventura vivida por Sayuri, de outro.

Ver-se-á, na ambivalência dramática da ação, a figura insólita do japonês, o chapéu de palha à cabeça, vestido à moda sertaneja, os pequenos olhos rasgados, fincados na distância. Na anca do cavalo, com as incrustações de marfim e madrepérola, a canastra japonesa refulge ao sol, marcando de exotismo o vulto que se desloca na paisagem ardente.

Por outro lado, no paralelismo descritivo da ação, ver-se-á também o bando de Antônio Garcia cruzando o sertão e a caatinga, es-

capando dos soldados, em suas andanças sem rumo.

No meio dos cangaceiros, prisioneira indefesa de uma raça estranha, Sayuri monta um cavalo escuro e segue calada a vida errante do bando.

Em sua busca, distante dali, segue, solitário, o japonês, rompendo a caatinga em todas as direções, num duro itinerário que a câmera, em "flashes" descritivos, vai revelando.

Nesta caminhada por caminhos e trilhas na caatinga, por cristas e lombadas de serras e serrotes, por chapadões e matas fechadas, charcos e áridos desertos, Kyoshiro Takeda é quase um vulto irreal, uma figura insólita que não se equilibra com a paisagem ardente.

Repousa em rede e humildes pousadas de beira-de-estrada. Atravessa cidades e humildes lugarejos, buscando pistas, aprendendo a decifrar detalhes no chão, em árvores, na relva.

Descansando das intermináveis andanças pelo sertão, em busca da mulher, Kyoshiro fica à sombra de ouricuris, ou dos verdes juazeiros. Depois torna a montar e, muitas vezes, segue a pé, puxando o cavalo, para desbravar os intrincados de macambiras, em meio de xique-xique, quebra-faca, alastrados de quipás, cipós, folha de carne.

Nada o detém, nem o sol implacável, nem os espinhos das unhas-de-gato, rasgando sua pele. Segue em frente, penetra em cerrados de macegas altas e palmatórias, avança nas caatingas espinhentas sob o céu sem nuvens.

Na incrível odisséia itinerante de nosso herói, Kyoshiro cruza a fronteira com o Piauí, passando perto do Boqueirão, Cacimba, Raimundo Nonato, cortando o rio Piauí, seguindo na direção de Sete Lagoas e Açuã.

Depois avança na direção de Pernambuco, beirando Recanto, Amargosa, Rajada, atravessando o Pontal e chegando a Cabrobó, onde repousa mais tempo.

Depois, voltando ao Norte da Bahia, passa por Rodeias, Chorrochó, Macaruné, Glória e, dali, entra em Alagoas.

149. Durante os deslocamentos do japonês, de um lado, e dos cangaceiros, de outro, desfilarão na tela diferentes e belas paisagens do Nordeste: caatingas diversas, alta, baixa, verdadeira, mestiça

ou suja.

Acidentes geográficos, rios, riachos, serras, serrotes, furnas e grotões mostram a variada paisagem nordestina e sua vegetação típica de mandacarus e facheiros, xique-xiques, faveleiras, juazeiros, umbuzeiros, aroeiras, angicos, umburanas e barrigudas.

De Alagoas, passando por Sinimbu, Água Branca, Talhada e Mata Grande, Kyoshiro Takeda regressa à Bahia, atravessa o São Francisco em Rio de Sal, vai para Santa Brígida, Canabrava, cruza o Vaza Barris até chegar a Geremoabo e dali rumando para Brejo, Uauá, Onça e o Raso da Catarina.

Da seca impressionante, com seu cortejo de miséria, a objetiva mostra também o extraordinário efeito que as chuvas, inesperadamente, provocam naquela paisagem agreste. Em poucos dias, como por milagre, a caatinga, com sua terra esquelética e esturricada, torna-se verdejante e aprazível.

Alimentando-se do que pode encontrar, principalmente de carne seca, farinha, paçoca e rapadura, Kyoshiro Takede segue nas pegadas do inimigo.

Algumas vezes, cruzando miseráveis lugarejos, sua exótica figura motiva pilhérias do seu povo. Mas o japonês não se perturba, firme em sua determinação. Segue adiante, ganha novos caminhos, rompe o sertão.

Fica claro, na alternância da sequência, que os cangaceiros não fogem do japonês, pois ignoram sua perseguição. Escapam, na verdade, é dos "macacos", de jagunços armados por fazendeiros e ricos comerciantes, e até de outros bandos rivais de cangaceiros.

Ver-se-á na tela, num tecido narrativo de fugas e perseguições, que, a certa altura, sem se darem conta, soldados perseguem cangaceiros; cangaceiros perseguem cangaceiros; soldados perseguem soldados; Kyoshiro persegue soldados e bandoleiros que nada têm a ver com o rapto de sua mulher.

Na elaboração do Roteiro definitivo, armar-se-á, com precisão, uma sólida estrutura de fugas e escapadas, perseguições e equívocos.

150. Transferindo-se de Kyoshiro Takeda, ou das volantes policiais, para o bando de Antônio Garcia, câmera destacará a estranha aventura de Sayuri, no meio de homens rudes e boçais, na natureza hostil.

Prisioneira impotente daqueles homens, prontos para matar e morrer, a japonesinha é um detalhe patético e extravagante. Monta um cavalo escuro que destaca, ainda mais mais, a alvura de sua tez e o desenho colorido de sua roupa. Um largo chapéu de palha protege-a do sol.

Antônio Garcia segue a seu lado, como um protetor. Jamais a toca e, raramente, lhe fala. Limita-se a olhá-la, fascinado, como num culto enigmático.

Uma única vez, quando o bando cavalga lentamente na caatinga, confidenciara:

ANTÔNIO GARCIA (aproximadamente): Quando a senhora quiser, largo tudo isto, vamos para São Paulo, viver vida decente (A REDIGIR).

Sayuri nada responde, fechada em seu mutismo.

EXTERIOR - ACAMPAMENTO - NOITE

151. O bando de Garcia está agora acampado, em lugar protegido, em furnas e grotões de vegetação espessa. Os bandidos armam sua rede, improvisam cozinha em trempes, no rancho e dentro das cavernas. Latas, panelas de barro e batatas de umbu cozinham os alimentos, que são servidos em coités, pratos de ágata e latas vazias de doces.

Um dos cangaceiros toca viola e canta, enquanto outros ensaiam passos de xaxado.

É uma noite clara, abafada.

Numa das furnas, Antônio Garcia, a cabeça recostada no selim, manda a moça vestir, como de outras vezes, a vistosa indumentária japonesa.

Sayuri obedece, calada, ao estranho capricho do raptor.

Abre a trouxa, num canto da furna, veste o quimono.

Depois se aproxima do cangaceiro, humilde e indefesa.

Antônio Garcia, fumando o cigarro de palha, limita-se a olhá-la, longa e deslumbradamente.

Em seguida, com um gesto, manda-a embora. A japonesa troca de roupa, veste de novo a saia de mescla azul, o blusão do mesmo tecido, de mangas compridas, as perneiras de lona, as alpercatas.

152. Nesta mesma noite, horas depois, o acampamento em completo silêncio, câmera focaliza um vulto que desliza na sombra e se aproxima do lugar onde dorme Sayuri.

Depois a objetiva o identifica: é um rastejador, João Serafim, cangaceiro magro, a barba rala, olhos matreiros e sensuais, e que vinha cobiçando, em silêncio, a japonesa.

Antes que se debruce sobre ela, solta um grito de dor, num rito crispante: Antônio Garcia cravara o comprido punhal nas costas do infeliz. O rastejador dobra o corpo, esvaindo-se em sangue. Depois é arrastado para fora e jogado no grotão, diante dos outros homens assustados que haviam acordado com o grito.

Garcia só diz, ameaçador:

ANTÔNIO GARCIA (aproximadamente): Quem faltar com o respeito, morre como este infeliz! Não quero cova, nem reza. O corpo fica pra repasto de urubu!

Depois volta para seu lugar.

EXTERIOR - POVOADO DE ALAGOAS - TARDE

153. Léguas adiante, próximo à fronteira com a Bahia, Kyoshiro Takeda chega a um povoado perdido na caatinga de Alagoas. Atravessa o arruado, chega diante de uma casa de comércio. Desmonta e pergunta ao dono, que espreguiça na sombra, onde pode achar pousada.

O comerciante, homem gordo e calvo, mal disfarçando a surpresa com a chegada do japonês, parece depois reconhecê-lo. E se recorda: Pedro Roque é seu compadre, nascido naquele lugar, e lhe havia escrito carta, contando a desgraça do fazendeiro.

Um laço solidário aproxima os dois homens. Matias - esse o nome do negociante - oferece um quarto em sua própria casa, nos fundos do estabelecimento. Chama a mulher, manda preparar comida. Depois ouve do japonês o relato de sua aventura e promete, em voz baixa, aju-

dá-lo a encontrar os cangaceiros, "raça de malditos", como exclama, com ódio.

KYOSHIRO e MATIAS dialogam, depois que o comerciante reconhece o japonês (A REDIGIR).

No dia seguinte, bem cedo, Kyoshiro recomeça a caminhada, ganhando uma trilha tortuosa que sobe uma serra, na direção da Bahia.

EXTERIOR - SERTÃO DA BAHIA - DIA

154. Do lado dos cangaceiros, acontecimento importante modificará o relacionamento de Sayuri e Garcia.

Não longe do Vaza Barris e da localidade de Brejo, o bando enfrenta forte destacamento da Polícia.

A quantidade dos "macacos" surpreende e desnorteia a estratégia dos bandidos. O bando é fendido, desarticulado, sofrendo muitas perdas.

Vendo perdida a situação, Antônio Garcia manda debandar, cada um se safando como puder, marcando reencontro em lugar determinado.

SOM - Tiroteio, gritos, ordens de emergência.

ANTÔNIO GARCIA manda debandar, com gritos e assovios (A REDIGIR).

O próprio chefe, quando tenta escapar com Sayuri, é atingido por uma bala. Apesar de ferido, consegue montar e, seguido pela japonesa, escapa dos soldados.

Mais adiante, não resistindo ao esforço, desfalece, tomba do cavalo.

EXTERIOR - MATAGAL - DIA

155. Voltando a si, pouco depois, Antônio Garcia se vê deitado no capim, escondido num matagal, o cavalo ao lado, preso num galho.

Está só, cercado de silêncio. Compreende que Sayuri havia escapado, entregara-se aos soldados. O cangaceiro, desesperado, tenta levantar-se, tonteia, volta a estender-se no chão.

É quando começa a ouvir passos de alguém que se aproxima. Abre os olhos, avista a japonesinha que chega com uma cúia de água.

Ela vem sentar-se ao lado, trata do ferimento, tranquila e impassível. Garcia se enterneco, cheio de gratidão. Nada diz, mas toma sua mão, carinhosamente.

EXTERIOR - LOCAL DA BATALHA - DIA

156. Nesse mesmo instante, quilômetros adiante, Kyoshiro alcança o local da batalha. Examina os mortos, percorre o local, descobre vestígios da fuga. Depois torna a montar, afasta-se na trilha aberta na caatinga.

SOM - Acordes de música japonesa, com marcação de ritmo e sons de guerra.

EXTERIOR - SÍTIO DE COITEIRO - TARDE

157. Antônio Garcia, Sayuri e mais cinco cangaceiros, encontrados no caminho, chegam ao sítio aprazado, de propriedade de um coiteiro, Juca Cesário, sertanejo velho e magro, a pele curtida pelo sol, cheio de músculos estirados.

A casinhola fica no meio de um cerrado, entre formações de arbustos, aroeiras e cáctos que a seca vergasta, no vasto perímetro do município de Monte Santo.

O coiteiro cede a Garcia o pequeno quarto da choupana, com uma cama de tábuas grossas, um caixote servindo de mesinha de cabeceira, a moringa de água fresca, trazida de um riachinho distante.

Os outros cangaceiros vão arranchar à beira de um riacho seco, armando redes e barracas de lona velha.

Para a japonesa, "seu" Cesário cede o quartindo que serve de dispensa, onde arma uma rede de dormir.

Depois de instalados, Antônio Garcia chama quatro cangaceiros.

ANTÔNIO GARCIA manda quatro homens ao Massacara, lugarejo próximo, trazer o vigário para celebrar missa, "de que estamos muito precisados" (A REDIGIR).

Os homens montam, saem a galope. Garcia vai repousar, enquanto Sayuri, na cozinha, prepara, com uma preta velha, galinha de cabidela.

158. Mais tarde os cangaceiros, enviados ao Massacara, regressam, trazendo na garupa de um dos cavalos, o Padre Ponciano, apavorado, cheio de poeira, a batina descorada.

É levado ao interior do sítio, onde Garcia descansa.

ANTÔNIO GARCIA e PADRE PONCIANO mantêm curto diálogo. O sacerdote protesta, em nome de Cristo, contra a crueldade dos bandidos que o arrancaram de sua paróquia. Garcia responde que eles também "são filhos de Deus", precisam do conforto da religião. Depois, com voz firme, manda o padre celebrar a missa, num altar improvisado (A REDIGIR).

João Sereno, cangaceiro meio alourado, jovem ainda, e que foi coroinha de Cabrobó, serve de coadjutor, muito compenetrado.

Os "cabras" se espalham diante do altar, muitos de joelhos, contritos, outros de pé, ou sentados no chão, apenas curiosos.

Antônio Garcia, que colocara a imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre um caixote, ao lado do altar, está em lugar destacado, demonstrando grande fé. De joelhos, apesar de ferido, segura um pedaço de vela acesa e, em voz alta, obrigando o padre a baixar a sua, reza, contrito, batendo no peito:

ANTÔNIO GARCIA (rezando, meio cantado):

"Eu sou o ferro,
Tu és o aço.
Eu faço a cruz,
Com ela me embaraço.

Hoje faz quarenta dias
Que não rezo o credo em cruz.
Entre a pedra e o fuzil
Grande nome é o de Jesus!

Grande nome é o de Jesus,
Pois Jesus nascido é.
Entre a pedra e o fuzil,
Jesus, Maria e José".

Durante a pitoresca reza rimada do cangaceiro, câmera, deixando sua voz em off, capta flagrantes da missa e de seus participantes, percorrendo o lugar e fixando primeiros-planos dos bandidos, do padre, do coiteiro e, mais afastada, observando, da japonesa prisioneira.

A missa chega ao fim. Garcia pede a bênção que o padre, meio hesitante, só concede quando o chefe saca o "parabellum".

Depois Padre Ponciano pede um cavalo para voltar à paróquia. Dão-lhe um jégue, que ele monta, conformado. Garcia aproxima-se e põe nas mãos do padre um punhado de dinheiro, que ele, depressa, guarda no bolso, agradecendo em nome de Deus.

PADRE PONCIANO agradece o "óbulo", dizendo que será aplicado em obras da Igreja. (A REDIGIR).

ANTÔNIO GARCIA (completando): "Da Igreja e dos pobres..."

O padre se afasta, trotando no caminho de terra.

Sequência 22

EXTERIOR - LOCAL DO SERTÃO - MANHÃ

158. Câmera focaliza Kyoshiro Takeda, atravessando lugar desértico da caatinga. Desce um serrote e avista, na linha do horizonte, a povoação de Massacara, onde os cangaceiros, antes, foram buscar o padre.

Câmera, pela lente "Zoom", aproxima-se do arraial, mostrando o casario baixo, as poucas e esburacadas ruelas e, como sempre, a praça larga, com a igreja e o cruzeiro defronte.

Do templo religioso vem saindo um enterro de pobre: 10 ou 15 homens, mulheres e crianças, seguem o caixão, atravessando a praça, a caminho do cemitério.

SOM - Batidas de sino, em ritmo de enterro.

EXTERIOR - PRAÇA DE MASSACARA - MANHÃ

159. Colocada agora no centro do povoado, câmera detalha o cortejo fúnebre, mostrando seus humildes acompanhantes, gente da roça, magra e sofrida.

O féretro chega ao fim da praça a começa a subir o morro, na direção do cemitério, que se vê ao fundo.

Depois de panoramizar, acompanhando o enterro, câmera descobre no alto, descendo o morro, Kyoshiro Takeda, que depois chega ao lugarejo.

O japonês se aproxima de um ferreiro, na praça, perto da igreja, desmonta e manda reapertar as ferraduras.

KYOSHIRO manda reapertar as ferraduras do cavalo (A REDIGIR).

O ferreiro, muito admirado com o tipo oriental do recém-chegado, examina o casco do animal.

FERREIRO sugere a troca do cavalo, pois o de Kyoshiro está estropiado, imprestável para novas viagens. Diz que pode fazer negócio, tem um animal sadio e descansado.

KYOSHIRO e o FERREIRO negociam a troca dos cavalos (A REDIGIR).

160. Enquanto os homens discutem a transação, Padre Ponciano, que celebrou a missa para os cangaceiros, vem vindo da igreja.

Câmera, deixando Kyoshiro e o ferreiro em P.A., focaliza o padre que se aproxima.

Ele chega perto, cumprimenta e fala do japonês.

PADRE PONCIANO cumprimenta o japonês, indaga de onde vem, e se pode ser útil.

KYOSHIRO responde que está de passagem, agradece o oferecimento.

Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrar o padre em P.P.

PADRE PONCIANO, meio tagarela e indiscreto, diz que, por coincidência, conhecera ontem uma japonesa, muito jovem e bonita, no meio de um bando de cangaceiros.

161. Câmera enquadra Kyoshiro em P.P. e capta sua reação à revelação do padre. O japonês, contudo, nada responde, disfarçando a emoção que a notícia do padre lhe traz.

PADRE PONCIANO (voz off) continua a tagarelar, dizendo que é muito raro se encontrar japonês naquelas bandas.

162. Câmera, em nova angulação, enquadra todo o grupo, favorecendo o japonês e o padre.

KYOSHIRO interrompe a conversa do padre e, pedindo licença, diz ao ferreiro que compra o cavalo.

O ferreiro, satisfeito, afasta-se para ir buscar o animal, enquanto Kyoshiro, sem mostrar interesse especial na conversa, faz algumas perguntas ao sacerdote.

KYOSHIRO indaga do padre quantos homens havia no bando, e se sabia para onde viajavam.

O padre, matreiro, percebe segundas intenções na pergunta do japonês, e começa a dar esclarecimentos, cautelosos.

PADRE PONCIANO dá algumas informações vagas, dizendo que o bando parecia ir para o Norte, na direção de Queimadas. Não precisa o número de homens no bando, informando somente que "passava de dez". Pergunta, por fim, se a japonesa que vira no bando era, por acaso, sua parente, ou conhecida (A REDIGIR).

163. Câmera avança rapidamente, até enquadrar Kyoshiro em P.P.P., quando, enigmático, só responde ao vigário:

KYOSHIRO: É de minha relação.

164. Depois o japonês se afasta, indo ao encontro do ferreiro, que vem chegando com o cavalo.

Câmera, movimentando a "Zoom", recua, abre o quadro e mostra, em G.P.G., a praça, o povoado e, ao fundo, o cemitério e a caatinga escaldante.

Sequência 23

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - DIA

165. O bando de Antônio Garcia, revigorado pelo repouso, invade o povoado de Onça, em pela caatinga do nordeste baiano.

O ataque é fulminante, avassalador, sem resistência. Dois ou três soldados, do pequeno destacamento local, são baleados, enquanto os habitantes fogem espavoridos.

SOM - Música expressiva, gritos, tiros e ruídos de ataque.

O arraial se rende, impotente. Os cangaceiros, donos de tudo, saqueiam o comércio, apanham mantimentos e munição.

Garcia se apossa da melhor casa do lugarejo, um sobrado, com alpendre, no fim do arruado, e cujos moradores, fazendeiros da região, são sumariamente expulsos.

INTERIOR - SOBRADO - DIA

166. O chefe dos cangaceiros penetra no sobrado "confiscado", em companhia de Sayuri.

Indica um quarto para a moça, enquanto ele próprio escolhe o quarto do casal, com uma cama larga, coberta por colchas e lençóis limpos.

Estende-se no leito e, fatigado pela viagem e a investida no arraial, em pouco tempo adormece profundamente.

EXTERIOR - ONÇA - NOITE

167. Câmera, colocada na praça central do povoado, mostra os cangaceiros que invadem, em grande algazarra, uma pensão de mulheres.

SOM - Gritos, algazarra dos cangaceiros. Música da época, saindo de uma vitrola velha, em bg.

Depois a câmera faz panorâmica para focalizar o sobrado onde Antônio Garcia repousa.

INTERIOR - SOBRADO - NOITE

168. Deixando Antônio Garcia, no leito, em P.P. e 3/4 de perfil, câmera enquadra a porta de entrada do quarto, no instante em que, rangendo, começa a se abrir.

O ex-capataz, acordando com o ruído, apanha o "parabellum", pronto para atirar, mas vê Sayuri que chega com a comida.

169. Modificando a angulação, câmera passa a focalizar a japonesa que se aproxima da cama e deposita os pratos na mesinha de cabeceira.

Antes que se afaste, Garcia a detém, com a mão. Ela se volta, deixa-se atrair pelo cangaceiro.

SOM - Sobe, na trilha sonora, tema de amor de Garcia e Sayuri, com expressiva mistura de melodias brasileiras e japonesas.

O ex-capataz, fremente, toma-a nos braços, coloca-a a seu lado, na cama, beija-a e depois começa a despí-la.

Câmera, então, lentamente, faz panorâmica até centralizar a janela que dá para a rua. Depois avança, em Trav-Avante, até mostrar, em P.G., o lugarejo precariamente iluminado.

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - NOITE

170. Fora do sobrado, no meio da rua, só um mendigo caminha, pedindo esmolas. Ouvem-se, vindos do fundo, ruídos da farra que os

cangaceiros fazem no bordel.

SOM - Ruídos da algazarra no bordel, em bg.

MENDIGO caminha, pedindo esmola, com voz meio cantada (A REDIGIR).

Sequência 24

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - MANHÃ

171. Mantendo, aproximadamente, o mesmo enquadramento do plano anterior, câmera focaliza agora, em P.G., o arruado de Onça, no amanhecer. Passa uma tropilha de jégues, fazendo soar o cincerro.

SOM - Ruídos da tropilha e, mais forte, do cincerro.

Câmera faz panorâmica da direita para esquerda, até enquadrar, ao fundo, em P.G., a entrada do povoado. Depois, acionando a "Zoom", fecha o quadro até P.P., mostrando ao fundo, escondido entre pedras e arbustos, a silhueta de Kyoshiro Takeda, que está chegando.

SOM - Sobe, na trilha sonora, música de inspiração japonesa, pressagiosa.

EXTERIOR - ENTRADA DE ONÇA - MANHÃ

172. Deixando Kyoshiro em P.P. e 3/4 de perfil, câmera enquadra, ao fundo, o povoado no instante em que o bando de cangaceiros, reagrupado, deixa a cidadezinha.

SOM - Tropel, em bg.

EXTERIOR - ARRUADO DE ONÇA - MANHÃ

173. Transferindo-se para o centro do arruado de Onça, câmera enquadra, em P.M., o bando que avança e passa rente à objetiva, pelos dois lados, destacando-se, à frente, as figuras de Antônio Garcia e

Sayuri.

O quadro fica vazio, quando, então, a lente "Zoom" avança até mostrar Kyoshiro Takeda em seu ponto de observação.

O japonês, depois de alguns instantes, caminha na direção de seu cavalo.

EXTERIOR - ENTRADA DE ONCA - MANHÃ

174. Câmera desloca-se para perto do japonês, mostrando-o em P.A. Kyoshiro monta e começa a descer um declive, na direção do povoado.

Câmera acompanha-o, em panorâmica, até deixá-lo em P.G.

O japonês desce o morrinho e começa a atravessar, vagarosamente, o vilarejo que, aos poucos, volta à sua vida normal.

EXTERIORES DIVERSOS - SERTÃO DA BAHIA - DIA

175. Nova série de "flashes" documenta a perseguição de Kyoshiro ao bando de Antônio Garcia.

A ação novamente se divide entre os cangaceiros, que varam a caatinga, e o obstinado japonês, agora colado aos passos do inimigo, aguardando o momento para atacar.

A sequência se conclui quando o bando, certa noite, arma acampamento num sítio protegido, uma espécie de capão de mato, próximo a uma elevação na caatinga.

Sequência 25

EXTERIOR - CAPÃO DE MATO - NOITE

176. No valhacouto estão algumas mulheres, trazidas de um lugarejo próximo.

Os cangaceiros armam redes, barracas e esteiras, divertem-se com as meretrizes, despreocupados.

Depois de mostrar o esconderijo, câmera panoramiza e vai enquadrar, no fundo, a silhueta de Kyoshiro, meio escondido no matagal, perto de um serrote.

Aproximando-se dele, câmera focaliza-o quando desmonta e, cautelosamente, vai examinar o esconderijo dos cangaceiros.

SOM - Algazarra dos cangaceiros.

Sons de berimbaus e pandeiros, no ritmo de capoeira.

177. No centro do acampamento, em meio à algazarra dos cangaceiros, dois nordestinos dançam a capoeira. Num canto, a "orquestra" de berimbaus e pandeiros dá ritmo ao pitoresco jogo de destreza coreográfica.

Um pouco afastados, Antônio Garcia e Sayuri acompanham a sucessão de nagaças, a ginga da capoeira, sublinhada pelas chulas ao som dos berimbaus.

178. Kyoshiro, em seu canto escondido, chega perto do cavalo, retira a canastra da garupa, deposita-a no chão. Depois, cum uma chave, abre a misteriosa arca japonesa.

Câmera, avança, em "travelling", para detalhar a urna e seu conteúdo.

Um tecido de veludo, descolorido pelo tempo, reveste o interior, dividido em duas partes: uma menor, guarda velhos papéis, fotografias e documentos de família; a outra, de maior dimensão, está ocupada com um velho traje japonês, que Kyoshiro retira em primeiro lugar, deixando ver, no fundo, sinistra, uma comprida espada samurai, o aço refulgindo ao luar.

179. De outro ângulo, a objetiva enquadra o japonês que, sem pressa, como num ritual, começa a trocar de roupa.

Despe-se da camisa de fustão, sem colarinho, da calça de brim cáqui, retira as botinas sertanejas, o chapéu de palha.

Começa, depois, a vestir o traje oriental, de cores desbotadas, amplo e largo, e que recobre todo seu corpo.

Durante o ato de vestir, solene, sacerdotal, câmera, em lento Trav-Avante, vai revelando a nova personalidade que, inesperadamente, surge naquele lugar, deslocada na paisagem tropical.

Extravagante, quase irreal, ali se realiza a transladação do mito guerreiro para a terra brasileira. O ritual ganha carne e sangue, reata a legenda, transfigura o homem e o incorpora à nova realidade.

Desaparece o fazendeiro, surgindo uma figura de combatente, o olhar cortante, pronto para a luta de vida e morte.

180. Da imagem exótica, ~~quase~~ assustadora, de Kyoshiro Takeda, câmera se transfére para os capoeiristas que continuam sua pitoresca movimentação.

SOM forte de berimbaus e pandeiros. Gritos, torcida.

A objetiva detalha, em primeiros-planos, o ágil malabarismo coreográfico dos capoeiras, fixando pernas e braços, sua ginga matreira, sua dança ritmada.

181. Voltando a Kyoshiro, em seu posto de observação, câmera agora o focaliza no instante em que retira, do fundo da arca, a espada samurai, que prende na cintura.

Depois recolhe-se a um canto, faz preces, calmo e concentrado.

Está pronto, preparado para o ato final. A estranha figura projeta-se no espaço, como imagem de ficção.

O samurai avança alguns metros, examina, pela última vez, o acampamento, que uma fogueira ilumina, e de onde sobem vozes de homens e mulheres, a torcida da capoeira, os sons dos instrumentos de acompanhamento.

SOM - Vozes, gritos, sons de berimbaus e pandeiros, em bg.

182. Colocada, novamente, no centro do valhacouto, câmera fixa novos flagrantes da orgia dos cangaceiros, embriagados de cachaça, eriçados pela sensualidade.

Os capoeiras ainda gingam, cansados, dando-se rasteiras, bananeiras e rabos-de-arraia. Outros homens, afastados da roda, atracam as prostitutas, boçais e desprevenidos.

Fazendo lenta panorâmica, a objetiva vai fixar, em "contre-plongée", o alto da colina, mostrando résteas do céu, copas de árvores e arbustos.

Daquele lugar, inesperadamente, sob o impulso de um salto felino, Kyoshiro Takeda, a espada em riste, lança-se no meio do acampa-

mento, soltando terrível brado de guerra.

SOM - Brado de guerra de Kyoshiro, sobrepujando a algazarra dos cangaceiros.

O salto do japonês é fixado de três diferentes angulações, em movimento "ralenti", o que lhe acentua a dramaticidade e o efeito espetacular.

Tocando o solo, o japonês, como raio mortífero, avança contra os cangaceiros, que não têm tempo para defender-se, intoxicados de cachaça, a cara bestificada pelo susto.

Arremete-se contra eles, fere seu corpo, sua carne, lança-os ao chão, entre poças de sangue. As mulheres escapam, espavoridas.

Alguns tentam apanhar facas e fuzis. Antes que os utilizem são alcançados pelo japonês, que lhes cai em cima, como cão raivoso.

SOM - Agora só se ouvem, na trilha sonora, gritos de dor, imprecações e o sinistro ressoar da espada samurai.

183. Câmera detalha a espada, que golpeia o ar, sibilando sinistramente, decepando braços, pernas e pescoços, fazendo o sangue esguichar, entre gritos lancinantes dos cangaceiros, que vomitam imprecações, enquanto o vulto fantástico do japonês se desloca como se fosse dividido em vários outros, matando, frenético, alucinado.

Um dos detalhes mostrará o corpo ferido do cangaceiro, que antes dançava a capoeira, tombando sobre o berimbau e rompendo sua corda esticada. Outro, mais adiante, fixará o primeiro-plano da cabeça de João Sereno, o cangaceiro-coroinha da sequência da missa, que tomba sobre o couro do pandeiro, fendendo-o.

184. Ris quando, de um canto, surge Antônio Garcia, atônito. Havia se afastado, antes do ataque, com Sayuri, e agora retorna ao acampamento, atraído pelos gritos dos companheiros.

A japonesa vem pouco atrás, vestida com o quimono. Ela em-

palidece ao ver o marido, que ainda golpeia os últimos cangaceiros.

Depois de enquadrar Garcia e Sayuri, em P.P., mostrando sua estupefação, câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.G. e deixando ver Kyoshiro Takeda que, em meio a cadáveres e poças de sangue, percebe a chegada do ex-capataz e, a espada erguida, o espera.

Antônio Garcia retira o punhal da bainha e avança na direção do japonês.

Neste exato momento começa a ouvir-se, na trilha sonora, a voz forte do Cantador.

CANTADOR, em voz off, canta uma ou duas estrofes do ABC, narrando o terrível encontro do cangaceiro e do sumarai, espada contra punhal, homem contra homem, lutando pela honra e por vingança. (A REDIGIR).

SOM - Terminando as duas estrofes do Cantador, só o caminhar do cangaceiro e do samurai, umx na direção do outro, se ouve na trilha sonora.

185. P.P. de Sayuri, num canto, imóvel, lívida, espectadora inútil do duelo que se vai travar.

186. Câmera, em Trav-Atrás, fixa os pés de Kyoshiro Takeda, caminhando na direção de Antônio Garcia.

187. Idem, para os pés de Antônio Garcia, avançando em direção contrária, ao encontro do japonês.

188. Câmera agora enquadra, em P.G., o valhacouto, coalhado de cadáveres. No centro dele Antônio Garcia e Kyoshiro Takeda continuam a caminhar um contra o outro, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

189. Câmera focaliza o japonês em P.P., acompanhando-o em Trav-Atrás e revelando, em seu rosto, a expressão de ódio, frieza e uma

força dominada que o torna mítico, quase irreal.

190. Repetindo o mesmo enquadramento do plano anterior, câmera focaliza agora Antônio Garcia, também em P.P. e Trav-Atrás, acompanhando sua caminhada e revelando seu olhar firme, penetrante e frio.

191. Agora os dois estão a poucos passos um do outro. Fitam-se nos olhos, medindo forças, reprimindo fúria.

Duas raças se defrontam, medem sua bravura, decidem seu antagonismo.

De repente, as mãos sustendo a espada, Kyoshiro arremete para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, de um salto, evita o golpe, brande o punhal, que vai chocar-se contra o aço japonês.

SOM - Na trilha sonora, pontilhando o duelo que estala, sobem sons de atabaques e agôgôs, pandeiros e berimbaus, que depois se misturam com as batidas de madeira e tambor, sons tradicionais das lutas de samurais.

192. Câmera, em movimentos ágeis e flexíveis, detalha o terrível combate, que estala, metálico, ferindo o silêncio do valhacouto.

No cangaceiro parece incorporar-se Ôgún, deus fetchista, com o ferro de matar, a dança ritualista, o ritual do mito e da crendice.

Fazendo sobreimpressão, sua imagem se confunde, na tela, com o personagem do Candomblé, vestido na roupa de azul do mar, mas voltando, em seguida, ao cangaceiro com a indumentária de couro, as cartucheiras trançadas no peito.

Durante algum tempo, no clímax da luta, as imagens se tornam lentas e hieráticas, pela técnica do "ralenti".

O efeito especial termina no exato instante em que Kyoshiro golpeia mortalmente o baiano, quando, então, volta a imagem à velocidade normal.

Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando da ferida.

Cai de joelhos, gemendo.

193. Mudando a angulação, câmera enquadra o japonês que vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo o gesto.

É que Kyoshiro avista Sayuri aproximar-se, quase correndo, para amparar no colo a cabeça do cangaceiro, que está morrendo.

Kyoshiro atônito, paralizado, compreende tudo, baixa lentamente a espada.

194. Enquadrando Garcia e Sayuri em P.P., câmera favorece o cangaceiro que, antes de expirar, contempla, amorosamente, o rosto da japonesa, no qual o sofrimento agora é um traço inusitado.

195. P.P.P. de Kyoshiro, perplexo, incapaz de um gesto.

196. P.P.P. de Sayuri, absorta em seu fatalismo, esperando.

197. P.P.P. de Antônio Garcia, olhando o rosto de Sayuri e que, de repente, deixa tombar a cabeça.

198. Ampliando o quadro, câmera, em P.A., mostra o cangaceiro, que tomba a cabeça no colo de Sayuri e morre e, perto dele, parado, o japonês, que crava na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e desalento.

1a. VERSÃO PARA O FINAL

---

199. Kyoshiro Takeda afasta-se alguns metros, acocora-se, à moda oriental, coloca a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se.

Câmera avança lentamente, até fixar seu rosto em P.P.P.

O japonês, uma vez mais, fita Sayuri, com olhar estranho e profundo. Depois, juntando forças, enfia o aço no ventre.

200. Ampliando o quadro para P.M., câmera focaliza Kyoshiro Takeda no instante em que, completando o "raccord" de movimento, comete o harakiri e tomba para frente, morrendo.

Perto dele, afagando a cabeça do cangaceiro, Sayuri é a exótica imagem da inutilidade.

Câmera avança sobre ela, até fixá-la em P.P., mostrando seu rosto sereno, quase feliz.

201. Em posição de "plongée", câmera focaliza, em P.M., o local da tragédia, centralizando Sayuri e os corpos de Antônio Garcia e

Kyoshiro Takeda. Estão no centro do valhacouto, juncado de cadáveres.

Começa a amanhecer e os pássaros despertam, cantando.

Câmera, então, vagarosamente, começa a subir, instalada em helicóptero, deixando aquele lugar de sangue e tragédia, onde só uma mulher sobrevive, manchando, com sua exótica indumentária, a paisagem nordestina.

F I M

2a. VERSÃO PARA O FINAL

---

199. P.P. de Kyoshiro Takeda, que fita a mulher com olhar estranho e profundo.

200. P.A. de Sayuri, absorta, afagando a cabeça de Antônio Garcia, o quimono manchado de sangue, serena, impassível, quase feliz.

201. P.G. do valhacouto, no instante em que Kyoshiro, deixando cair a espada, começa a afastar-se daquele lugar de tragédia e solidão.

Atravessa todo o acampamento e, mais ao fundo, ganha uma trilha que serpenteia na caatinga.

202. A derradeira imagem do filme, nesta segunda versão do filme, será captada pela câmera no interior de um helicóptero, que começa a subir, ampliando o campo visual, afastando-se daquele lugar, juncado de cadáveres.

Subindo sempre, câmera mostra todo o local, no centro do qual só uma mulher sobrevive, colorindo, com sua indumentária de cores fortes, a paisagem nordestina.

Está amanhecendo e a primeira claridade, ainda indefinida, deixa ver melhor a desértica vastidão da caatinga.

Nela se vê, afastando-se na trilha tortuosa, sem destino, o samurai que perdeu a batalha.

F I M

3a. VERSÃO PARA O FINAL

---

199. P.P. de Kyoshiro, que fita a mulher com olhar estranho e

profundo.

200. P.A. de Sayuri, absorta, afagando a cabeça de Antônio Garcia, o quimono manchado de sangue. Ela tem o olhar sereno, quase feliz.

201. Kyoshiro caminha alguns passos na direção de Sayuri, mas cambaleia, leva a mão ao peito, que sangra. Durante a luta com o cangaceiro fora ferido com a ponta do punhal envenenado, agora fazendo efeito.

Dá mais um passo e, novamente, cambaleia, já sem visão e desnorteado.

E cai, a espada escapando de sua mão, a poucos metros de Sayuri, que nada faz, impassível e distante.

Antes de morrer, o samurai ainda fixa nela um olhar desesperado e inútil.

Câmera, então, instalada no helicóptero, começa a subir, afastando-se daquele lugar de sangue e tragédia, onde só uma mulher sobrevive, cercada de cadáveres.

Está amanhecendo e a primeira claridade deixa ver melhor a caatinga que a luz do sol torna rubra e assustadora.

F I M

Rio de Janeiro, 18.8.1974

Geraldo Santos Pereira.